

CANDIDO LANDOLT

O meu PARTEON

Onde se acham os homens que mais engrandeceram
a vila e o concelho da Póvoa de Varzim



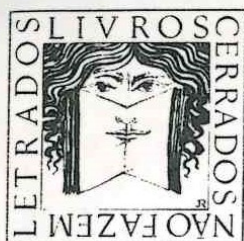
COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIPOGRAFIA LANDOLT

(Premiada na exposição de Barcellos no ano de 1904)

RUA DA JUNQUEIRA, 50
PÓVOA DE VARZIM
1912



AZ (469.13)



LIVRARIA
MANUEL FERREIRA
ALFARRABISTA
PORTO - PORTUGAL

O MEU PANTEON

CANDIDO LANDOLT

O MEU

QUILTON

EDITOR--CANDIDO LANDOLT

JUNQUEIRA, 50

CANDIDO LANDOLT

o meu PARTEON

Onde se acham os homens que mais engrandeceram
a vila e o concelho da Póvoa de Varzim



MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº

60142

Revisão

Barceliana

PÓVOA DE VARZIM

1912

Legado

Álvaro Arezes L. Martins

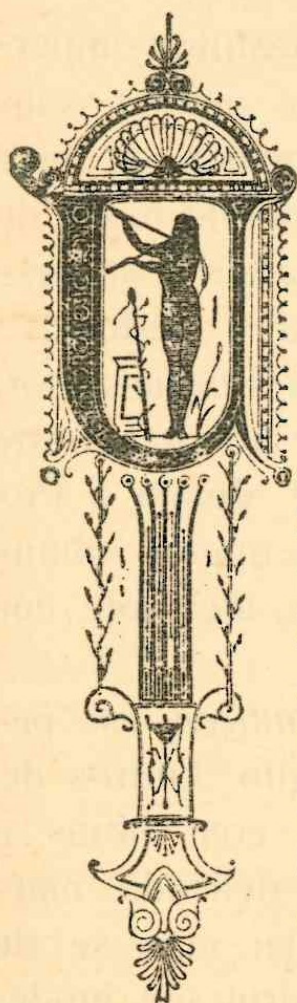
AO IL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

Antonio Francisco dos Santos Graça

*Pondo o nome de Sua Ex.^a
na 1.^a pagina deste livro, pres-
to a mais alta consideração á
sua alma eminentemente genero-
sa,—um culto fervoroso ao seu
espírito magnanimo, onde ha um
poderoso, imenso e acrisolado
patriotismo.*

Candido Landolt

Introdução



MA das mais historicas montanhas do alto Egito, é aquella a que chamam «*A Montanha de Tebaida*», em frente ao Nilo. Foi d'ali que o rei Cleopas mandou cem mil homens, durante dez anos e num percurso de quasi 20 leguas, arrancar pedras que eram transportadas para além rio;—e com essas pedras, brancas e moles ao sair da pedreira, negras e duras pela acção do ar, os mesmos cem mil homens, durante outros dez anos, construíram uma piramide no deserto para servir de balisa ás caravanas e atestar ao mundo uma civilisação que já conta 40 seculos de existencia.

Hoje, o viajante que passa, tem duas coisas importantes a admirar: por um lado, esse colosso de granito que tem resistido, com outros, aos embates dos seculos que se sucedem, para contemplar a resignação dos martires e dos herois que vão caindo, vencidos, na luta da existencia;—por outro lado, as *Grutas de Tebaida*, «cavidades vastas, escuras, profundas, formando uma série a que não preside plano, simetria ou ordem», as quais grutas serviram de abrigo a muito estoico cansado de sofrer, ou de sepultura a muito solitario piedoso.

Assim, eu, cheio de bondade, mas também carregado de ignorancia, pequeno e humilde como se fôra um escravo do rei Cleopas, tive a loucura de construir com os pedaços da minha alma arrebatada e transcendente o *Panteon da Póvoa de Varzim*, onde recolhi, daqui e d'álem, as cinzas venerandas de alguns homens ilustres que a noite dos tempos vai apagando na memoria dos novos e a negra ingratidão esquece no coração dos velhos.

Foi uma tarefa morosa e paciente, onde puz de parte o prestigio da individualidade para salientar os altos meritos da bondade, da caridade e da intelligencia.

Está claro que a obra, em minhas mãos, resultou imperfeita, reconheço;—nas mãos de quem mais e melhor soubesse as regras da architectura, a escala cromatica da musica e o segredo da combinação das côres, o templo havia de ter outra elegancia, os sarcofagos mais rendilhados e arabescos, a harmonia, em conjunto, mais completa e perfeita,—em todos os seus detalhes se havia de respirar Poesia-Amor.

Ainda assim, duas coisas tem o leitor que admirar neste *Panteon*: conhecer os homens que mais lustre deram á Póvoa de Varzim,—e a circumstancia dêste pequeno monumento ser feito para saldar dividas de gratidão, até hoje em aberto.

Ahi fica, pois, este pequeno e singelo *Panteon* em pedra tôska como essa mais alta piramide do Egito. Outros de mais vigoroso pulso e mais rija envergadura, com obras e não com palavras, que cinzelem no branco e delicado marmore um templo igual ao *Partenon* da Grecia; mas se de tantas e tam valiosas ruinas não pudér reconstruir um modelo completo, tem na India o *Panteon d'Elora*,—vão beber a elevação, a inspiração, a concção dêsse templo que, tendo 123 metros de comprimento por 60 de largo, foi feito duma montanha de 100 pés de altura e é sustentado por 20 pilstras assentes sobre o dôrso de outros tantos fenomenais elefantes, formando um só bloco, com páteos, capelas e obeliscos, tornando-o o maior templo monolitico do mundo;—e depois de isto verem, sim, senhores, venham deslumbrar o

publico com um palacio de prata fina, para honra, lustre e gloria desta Póvoa linda, cheia de encantos, tapetada de perolas, matisada de estrelas, aljofrada com os sorrisos de tanta mulher formosa e bemdita que ali vai, áquele mar de corais e safiras, beber as graças, beber a vida, beber o amor e arrebatat a minha alma de louco e sonhador.

Póvoa de Varzim, 7 de Julho de 1912.





FRANCISCUS
DE ALMADA &
MENDONÇA.

VIR PLENISSIMUS.
CIBICUS PORTUGALENSIS PRÆFECTUS
URBEM PERIBUS.
SEIPSUM ET MAGISTRATUM
VIRTUTE
INSIGNITER EXORNAVIT.

NATUS EST DI NONAS FEBRUARI MDCCLVII.
OBIT XV KALENDAS SEPTEMBRIS MDCCLIV.
NEQUE MORTUUS.
NAM PER TEMPORA
VIVET.

QUANDO o Corregedor D. Francisco de Almada e Mendonça assumiu o governo do Distrito do Porto, a Póvoa de Varzim necessitava de melhoramentos que, na ocasião, se reputavam de inadiável necessidade para a prosperidade e aumento desta localidade.

Bebia-se agua insalubre dos póços ou cisternas da Vila-Velha;—as correntes dominantes que de Riba-Mar ao Facho levavam as areias p'rás Cachinas, dificultavam a faina do mar;—a Camara estava acanhada no predio das escadinhas, que ainda hoje se vê em frente á Matriz, esquina das ruas da Igreja e Conceição;—e a Lapa não correspondia aos desejos dos pescadores, ciosos da sua autonomia, que era: começar por se livrarem da tutela do pároco e acabar pelo amor do proximo.

Sem duvida que eram grandes os problemas a resolver, e só uma vontade de ferro podia transformar o pequeno burgo que já aspirava a ter fóros de cidade.

Nesse tempo a pescaria era uma das grandes classes piscatorias do paiz, reunindo a Póvoa elementos de vida para vir a ter um logar de destaque entre todas as vilas da provincia do Minho e entre todas as praias da costa maritima de Portugal.

Vindo,—como um sorriso de alvoradas!—por aí acima o nobilissimo e respeitabilissimo Corregedor, de tal modo ouviu as supplicas da Póvoa, e tam carinhosamente sympathizou com os seus habitantes, que foi ele o primeiro a instar, junto da rainha D. Maria I, para que deferisse benigna as pretenções que tam humildemente lhe formulavam.

A Póvoa estava então numas condições precárias de circumferencia. Tomando por ponto de partida a Rua da Praça, seguia-se á Moita, á Amadinha, ao Cruzeiro, por S. Sebastião á rua da Consolação e Praça, ficando o Coelheiro e a Vila-Velha como arrabaldes de pequenos casais, e sendo o Cidral a grande-rua onde passavam as procissões da freguezia.

Em resumo:

1.º—Não havia agua potavel na vila:—D. Francisco de Almada conseguiu que o governo mandasse fazer o aqueducto que ainda hoje traz a agua do Coelheiro;

2.º—Não havia Casa da Camara:—D. Francisco de Almada conseguiu a compra de terrenos aos particulares e mandou fazer as Casas Grandes, onde gastou do Erario mais de 28 contos de réis;

3.º—A pescaria não tinha abrigo na enseada:—D. Francisco de Almada mandou fazer-lhe o Caes-Novo; e

4.º—A pescaria não tinha nenhuma associação que lhe dêsse o que na hora extrema necessitava:—D. Francisco de Almada escreveu e fez aprovar os Estatutos do Monte de Piedade, por que ainda hoje se rege a Irmandade da Lapa.

E', portanto, o primeiro extranho que muito veio fazer á Póvoa de Varzim, e é justamente por isso que ela lhe perpetuou o nome, ligando-o á sua maior obra.

Ninguém, como o grande Corregedor, prestou tam assinalados serviços á Póvoa de Varzim.

Os Paços do Concelho aí estão, com a grande reforma por que passaram, a atestar que na provincia não ha melhor;—o Paredão continuou-se e espera outro generoso impulso;—a Lapa, se já não gosa a regalia do seu Estatuto, é isso devido aos progressos associativos;—e, quanto ao aqueducto do Coelheiro, ainda é uma obra de grande valor.

Por estes factos—que dizem respeito á localidade—além de muitissimos outros que prestou ao Distrito, é que rendemos o preito da nossa maior admiração ao grande Corregedor D. Francisco de Almada e Mendonça, cujo principio intangivel de benemerencia e raro tino administrativo não foi nem póde ser excedido, motivo porque o escolhemos para abrir esta série de mortos illustres, com que desejamos perpetuar nomes e feitos.

O maior elogio que se póde escrever da vida de tam inclito magistrado, é que, tendo occupado aquele alto cargo, morreu pobre, sendo necessario tirar uma subscrição para lhe fazerem o enterro !

Bem dita seja a Patria que dá varões tam assinalados !

NOTAS:

Almada.—Nasceu nos Olivares, perto de Lisboa, a 28 de Fevereiro de 1757 e faleceu no Porto a 18 de Agosto de 1804.

Jaz no Prado do Repouso, Porto, onde fomos tirar uma copia do monumento, feito pelo estatuario Soares dos Reis.

Amadinha.—Tinha por limite o ribeiro á entrada da Rua da Silveira, hoje rua Rocha Peixoto.

Cachinas.—Era nessas dunas de areia onde se deixavam os cavalos lazarentos ou atacados de *mormo*.

Cais-Novo.—Era assim que os pescadores chamavam ao Paredão, e a atual Travessa da Junqueira denominava-se «Travessa do Cais-Novo».

Casas Grandes.—E' assim que a pescaria ainda hoje chama aos Paços do Concelho.

Cidral.—Era a rua mais larga da Póvoa antiga.

Coelheiro.—Os filhos dêste logar, que ao Brazil vão em busca da fortuna, chamam-lhe a *Nova-Cintra*.

Correge tor.—Correspondia ao atual cargo de governador civil.

Cruzeiro.—Largo Eça de Queiroz, por ser na casa n.º 1 dêste sitio que nasceu o grande mestre da literatura portugêsa.

Moita.—Ainda hoje se chama o Rio da Moita.

Monte de Piedade.—Foi o nome genérico com que D. Francisco de Almada designou os Estatutos da Irmandade da Lapa.

Nêsse Tempo.—1790.

O Facho.—Local, á beira-mar, pelo norte da Poça da Barca.

O Primeiro dos extranhos.—Sem duvida que foi o primeiro que, não sendo filho desta Póvoa linda, por ela entusiasticamente trabalhou, como que se seu legitimo filho fosse.

A Póvoa intelectual reconhece aos filhos adotivos os relevantissimos serviços que lhe teem prestado. O exemplo aí está patenteado para com o D. Francisco de Almada.

Riba-Mar.—Areal no extremo da Areosa, hoje Passeio Alegre

Rua da Consolação.—Hoje, Rua da Conceição.

Rua da Praça.—Hoje, Rua da Igreja.

S. Sebastião.—Rua no extremo da vila, confinante com os campos de Favais.

O Piloto-mór Antonio Cardia

E SUA FILHA

Mónica Cardia

Custou a Portugal rios de sangue e de dinheiro a usurpadora politica dos orgulhosos Filipes, ao 1.º dos quais chamaram *o demonio do meio dia*, porque, tendo um caracter frio e impassivel, rispido e severo, conseguiu casar com quatro formosas princezas a quem abreviou e causou a morte, assim como a seu filho o principe D. Carlos. Organizando *a invencivel armada*, composta de 146 navios, afóra muitas falúas, que saíram de Lisboa, no dia 27 de Maio de 1588, com 12:000 homens e 2:400 peças, das quais 1:500 eram de bronze, para atacar a Inglaterra, teve a má sorte desta potencia, auxiliada pelos fortissimos temporais que então se desencadearam, lhe desbaratar tantos vasos de guerra, enforcando e passando ao fio da espada os desgraçados naufragos que aportavam á Irlanda, de cujo quixotesco e tragico desastre só 53 navios regressaram a Santander...

Do 2.º Filipe rezam as cronicas que uma peste horrivel assolou o país e que depois de terem atravessado o Tejo milhares de gafanhotos vermelhos, um violento incendio destruiu o Hospital de Todos os Santos.

O 3.º Filipe, levou Portugal e as suas colonias a passar duras e vexatórias humilhações, pois além dos nossos soldados terem de andar por Flandres e pela Italia, combatendo pelo prestigio de Castela contra inglêses, holandêses e franceses,—perdiamos o Cabo da Bôa-Esperança, Java, as Mo-

lucas, Meliapôr, Onôr, Ormuz em 1622, a Bahia em 1624, Pernambuco em 1630, S. Jorge de Mina em 1637,—tiveram identica sorte muitas feitorias da Africa Ocidental,—Mombáça passava para o poder dos cafres,—finalmente, uma verdadeira calamidade nacional.

Quando se soube em Portugal que uma armada de 35 navios holandêses tinham tomado a Bahia, saiu de Lisboa, no dia 22 de Novembro de 1624, uma armada de 22 embarcações, esperando em S. Tiago de Cabo Verde por uma outra esquadra espanhola, as quais, reunidas, desembarcaram na Bahia de Todos os Santos 4:000 homens, que sitiaram a cidade, enquanto a esquadra atacava por mar os holandêses, obrigando-os a aceitar a capitulação no dia 1.º de Maio de 1625.

E nós ficamos envaidecidos, sobremaneira engrandecidos ao saber que tendo de partir de Lisboa a armada real para fazer valer o direito das nossas conquistas,—fôra escolhido para seu piloto-mór o nosso querido e distinto conterraneo Antonio Cardia, que, por igual modo, se devia orgulhar com tamanha distinção e gentil graça.

Do seu arrojo, da sua bravura e do seu alto saber de heroi do mar, fala mais alto a historia, dizendo-nos que esse filho ilustre desta abençoada terra, voltou a combater nas aguas de Pernambuco, ao lado de seu irmão o Capitão Diogo Dias de S. Pedro, para que tam preciosa joia ultramarina voltasse, ao cabo de 14 anos, á corôa portugûesa, embora durante tam longo periodo se tivesse sustentado uma guerra incarnizada, audaz e destemida, que tantas vidas nos custou e tanto oiro nos absorveu, não só durante a campanha mas até pela pirataria, que só duma vez nos levou uma fróta que vinha da China, carregada de especiarias.

Mas o Piloto-mór Antonio Cardia, tinha, como todos os que vivem sobre as aguas do mar—uma alma cheia de bondade cristã;—além de ajudar a instituir, em 1622, a Confraria do Santissimo, na Capela do Sacramento, fundada na rua da Praça, em 1542 e onde se achava a Sagrada Eucaristia, desde 21 de Junho de 1544,—contribuiu, poderosamente, para que

a Póvoa de Varzim fôsse elevada a freguezia, em 21 de Março de 1625, combinando mais tarde, com sua filha Mónica Cardia de Macedo, as disposições de sua ultima e derradeira vontade, fazendo testamento em 16 de Abril de 1678 e Codigo em 24 de Abril de 1679 onde, além de outros legados, deram carta de alforria a duas escravas, a quem deixaram meios de subsistencia, casa e mobiliario, e legando á dita Confraria do Sacramento a pensão anual de 80 alqueires de trigo, um carro de tójo, um carneiro, cinco galinhas, um almude de vinho, um cantaro de azeite, meia canada de manteiga, etc., etc., para perpetuamente se solenizarem as tocantes ceremonias da Semana Santa, as quais sempre se fizeram desde a Quaresma de 1687.

São estes dois mortos que eu tenho a honra de vos mostrar neste sarcophago, ao lado um do outro, salientando-se a memoria do Piloto-mór Antonio Cardia, por ter sido um official distinctissimo da marinha de guerra portugûesa e um apaixonado patriota pelo engrandecimento da sua terra natal.—Mónica Cardia de Macedo, essa distinguu-se pelas excelsas virtudes de sua alma diamantina, porque aliava aos dotes de sua natural beleza e formosura as mais notaveis prendas dum coração imaculado e santo.

A lenda que se bordou em volta dêste nome tam simpatico, leva-nos a compara-la com a formosa e ilustrada Zenóbia, rainha de Palmira.

Mas isso é um assunto tam diferente do fim a que visa este *Panteon* que nos reservamos para o transportar a capitulo especial no livro que forma a 2.^a parte desta obra, sob o titulo de—*As lendas da minha terra*.

Capitão Diogo Dias de S. Pedro

De muitos e variados aspectos se patenteia o coração dos homens. Este de quem vou mostrar-vos o sarcófago, assinou-se pela sua linha cavalheiresca, pelo seu altíssimo amor á Patria, e, sobre tudo, pela paixão dos feitos dos portuguezes tam brilhantemente descritos nos *Lusiadas*, que, na Gruta de Macau, escreveu o Principe dos Poetas portuguezes—*Luiz de Camões*.

Com efeito, de toda a epopeia maritima dos portuguezes, dois registos se salientavam: o descobrimento do caminho maritimo da India, por Vasco da Gama, e o descobrimento do Brazil, por Pedro Alvares Cabral.

Pela situação difficil criada pela dinastia filipina e que nem as chancelarias nem os melhores diplomatas poderam evitar, os holandêses roubaram-nos a Bahia e Pernambuco, sendo preciso decididas vontades, infatigaveis canceiras, desesperos titanicos para arrancar das mãos desses aventureiros tam preciosas joias engastadas na fronte de Portugal.

Devia ser, por esse tempo, muito pequenino o nosso meio,—pobre, certamente, como todas as colonias piscatorias estabelecidas ao longo da costa. Ainda assim, não quizeram os habitantes da Póvoa de Varzim ser insensiveis aos arrepios da dôr que fazia estremecer o coração dos verdadeiros portuguezes, e associando-se ao grande impulso de patriotismo que nos animava sob o jugo dos castelhanos, mandaram construir, nos seus estaleiros, a nau *Nossa Senhora de Guadalupe*, que partiu de Lisboa a 15 de Março de 1631, com a armada real, para tomar parte na restauração de Pernambuco, distinguindo-se no teatro da guerra pela sua temeridade e bravura.

Foi escolhido, para capitão dessa nau, Diogo Dias de S. Pedro; e este benemerito patriota, este ilustre povoense, tomou tanto a peito a tarefa cometida, e consubstanciou-se tanto na missão que lhe tinham confiado, que não só deu exuberantes provas dum official muito distinto e sabedor, como ocorreu a todas as despesas e pagou de seu bolso á tripulação daquela nau.

Na volta, com as palmas da gloria pernambucana, recebeu as benções da Patria que, tendo sacudido o jugo dos espanhois e restabelecido a independencia nacional pelo brilhante e glorioso feito do 1.º de Dezembro de 1640, procurava a paz das suas colonias assediadas por culpa da tirania espanhola. E o monarca da nova dinastia brigantina, D. João IV, querendo satisfazer todas as despesas de guerra e, até, galar-doar o patriotismo deste ilustre povoense—viu frustradas as diligencias, por quanto, o Capitão Diogo Dias de S. Pedro, com o maior desassombro e com a mais requintada galhardia nada aceitou, contribuindo, deste modo, para o engrandecimento de Portugal, a quem os espanhois, durante 60 anos, escravisaram com duras algemas, esmagando-o com os mais tiranicos e vexatorios tributos.

Este feito épico, sobreleva todos quantos, por ventura, se fizeram em tam tragico lance, porque êle, em si, deslumbra a nossa imaginação e enaltece o sentimento dominante duma raça de navegadores, duma estirpe de homens do mar, duma falange de entrepidos guerreiros que descobriram a Ilha da Madeira, o arquipelago dos Açores, toda a costa da Africa, que foram á India, que colonizaram o Brazil, que andaram pela Asia, que percorreram a Oceania, que circumnavegaram o mundo, deixando em toda a parte, com o pendão das Quinas, um padrão de civilisação e de caridade:—civilisação imposta pelo commercio,—caridade pelas missões que por lá se estabeleceram com rastros de luz, numa longa série de martires e de santos que se sacrificaram por Deus e pela Patria.

Por todos estes motivos o Capitão Diogo Dias de S. Pedro é um verdadeiro patriota, um lidimo character de honra, de virtude e de nobreza, cuja memoria deverá ser sempre profe-

rida com orgulho e vaidade, porque ela representa o verdadeiro sentimento do amor da Patria, bem traduzido na épica estância:

«Para servir-vos braço ás armas feito.»

E depois de teres visto, leitor amigo, este sarcofago, conta em toda a parte estes exemplos, que tanto enaltecem a Póvoa de Varzim, para que os povoenses a todo o tempo possam dizer de tam humilde berço e de tam notavel feito:

«Esta é a ditosa Patria minha amada !»

Bispo de S. Paulo

Ao cimo da rua do Cidral, e na casa de varanda que está ao corrêr para a travessa de Carlos Alberto, nasceu, no seculo XVIII, D. Frei Manoel da Ressurreição, um sacerdote que, pelas suas excepcionais virtudes e distintas qualidades, prudencia e illustração, ascendeu ao suprêmo logar de Bispo de S. Paulo, tomando posse da sua elevada categoria teocratica a 19 de Março de 1774, honrando sempre o nome da Póvoa de Varzim, sua terra natal, e os pergaminhos da sua nobrêsa, visto ser Sua Ex.^a Rev.^{ma} o ultimo descendente da familia dos Cortezes.

O Venerando Prelado falleceu no dia 21 de Outubro de 1789, deixando, nesta vila, uma irmã que se afeiçoou ás crianças de um pobre visinho, deixando-lhes, á hora da morte, a casa-solar, com raros e valiosos objetos que do Porto aqui vieram adquirir por alto preço.

Com quanto Sua Ex.^a o Senhor D. Frei Manoel da Ressurreição nada fizesse em beneficio da sua terra, traslado as suas cinzas para este *Panteon*, com o fim de que tambem se saiba que a Póvoa de Varzim já deu um Bispo que foi um ornamento da diocese paulista.



Eça de Queiroz

Uma das maiores glórias da literatura portugêsa, no ultimo quartel do seculo XIX, foi esse extraordinario cérebro que só produziu obras primas—Eça de Queiroz, filho diléto da vila e praia de banhos da Póvoa de Varzim.

Nascendo dum drama de amôr, a sua existencia foi cultivar a escola realista, dotando as letras patrias com joias literarias que foram o assombro dos criticos e a delicia dos intellectuais. A sua morte foi um acontecimento mundial e os seus amigos e admiradores ergueram num dos mais lindos logares da capital a sua estatua, trabalho do grande mestre Teixeira Lopes, fazendo colocar na casa onde ele nasceu, uma lapide comemorativa, em bronze.

A sua historia é simples; e, por ser a expressão da verdade, para aqui a trasladamos:

O pai de Eça de Queiroz chamava-se dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, e exercia o cargo de Delegado do Procurador Regio em Viana do Castelo. Namorava e tinha o casamento tratado com a Sr.^a D. Carolina Augusta Pereira de Eça, filha dum coronel daquela mesma cidade;—mas como seguia o partido *setembrista*, pela revolução *cabralina*, fugiu para Ponte do Lima, onde não pôde, com a brevidade que se desejava, realisar o seu enlace matrimonial.

Para occultar uma desonra, aquella senhora, a titulo de veraneiar na praia de banhos da Póvoa de Varzim, veio residir na casa n.º 1 a 3, do Largo de S. Sebastião, que era onde residia o então chefe da alfandega, sr. Francisco Augusto Pereira Soromenho, parente de seu futuro esposo.

Dando á luz, nessa casa, uma criança do sexo masculino, no dia 5 de Novembro de 1845, foi, desde logo, essa creança entregue aos cuidados de Anna Joaquina Leal de Barros, casada com Antonio Fernandes do Carmo, moradores em Vila do Conde, a qual Anna Joaquina foi no dia 1 de Dezembro seguinte, batizar a dita criança á Igreja Matriz daquela vila, servindo ela de madrinha e o Senhor dos Afflitos de padrinho. O avô paterno tomou conta da criança, mandando-a criar; e, depois, por se ter realiado o casamento do sr. dr. Teixeira de Queiroz com a Sr.^a D. Carolina de Eça, foi o pequenito José Maria Eça de Queiroz para a sua companhia, o qual, depois de se doutorar, casou com uma dama da illustre familia Pamplona, do Porto, em cuja capela particular se efetuou a cerimonia religiosa; seguiu a diplomacia e

entregando-se á literatura enriqueceu o nosso idioma com produções de inestimavel apreço.

Os seus principais livros, são:—O Crime do Padre Amaro, O Primo Bazilio, O Mandarim, A Reliquia, Os Maias, A Ilustre Casa dos Ramires, A Cidade e as Serras, Cartas de Fradique Mendes, etc., etc.

Nos jornais portugêses e brasileiros, deixou muitos escritos de valôr, assim como deixou muitos trabalhos inéditos.

Possuia apenas uma unica recompensa: a *Legião d'Honra*.

Tendo Eça de Queiroz falecido em Paris, onde era consul de Portugal, no dia 16 de Agosto de 1900, veio para Lisboa o seu cadaver, onde jaz num dos cemiterios publicos, erguendo-lhe, os seus maiores amigos, uma estatua no Largo do Quintela, e, na casa onde nasceu, na Póvoa de Varzim, foi pósta uma lapide comemorativa, oferta de portugêses no Brazil.

A Camara desta vila deu ao Largo de S. Sebastião o nome do egregio escritor, por ser em frente deste largo que está o predio onde êle nasceu, e com o produto duma subscrição vai erguer um obelisco que terá numa das faces o busto de Eça de Queiroz.

Tais são, resumidamente, as passagens da historia intima de Eça de Queiroz, que poderiam ser corroboradas com a transcrição de valiosos e autenticos documentos, mas que tiravam o efeito deste escrito, onde tamsómente queremos deixar resalvado o facto de que, n'*O meu Panteon* figuram estas cinzas como reliquias preciosas dum espirito gentil que foi o assombro duma geração e é o justo orgulho da sua terra natal, a Póvoa de Varzim.

Estas linhas traduzem, simplesmente, uma sincera e sentida homenagem da nossa parte. Bem sabemos que está o pigmeu ao pé do gigante e as nossas palavras se perdem ao pé dum oceano que enche de orgulho uma nacionalidade; porém, se não chegamos para lhe depôr sobre o peito as flôres da nossa viva saudade, ao menos, beijamos-lhe os pés, e no calôr dos nossos labios vae a transmissão do nosso

pensamento, que reconhecerá, sempre, Eça de Queiroz, como o filho mais ilustre da Póvoa de Varzim, que batalhou, vitorioso, na republica das letras, dominando, como as aguias que fitam o sol, e assombrando com as suas extraordinarias produções de autorisadissimo mestre da Escola Realista.

Aqui, na Póvoa de Varzim, o que existe é a gloria dum nome que nunca será esquecido, porque nós somos em extremo fanáticos pelos homens que ao morrer deixaram um rastro de luz como a que deixam os meteóros, quando perdem a gravidade, nos abismos do incomensuravel.

Lisboa, além das cinzas preciosas que guarda no Cemiterio dos Prazeres, venera no largo formoso e poético do Quintela o esbelto monumento onde está a figura insinuante de Eça de Queiroz, mostrando a nudez forte da Verdade, com todas as suas fórmias plasticas em ividencia para se admirar o manto diafano da fantazia.



Rocha Seixoto

Para este, que amou a luz, que adorou a Verdade e passou nesta vida como um astro que na carreira vertiginosa da sua quêda se perde, para sempre, «nos confins siderios do Infinito», iria eu, pelo fundo do mar, aos coraes e ás perolas, para lhe erguer um modesto mas significativo sarcófago, onde lhe guardasse o cerebro com a mesma fé e a mesma crença como os homens costumam guardar a Hostia sacrosanta adentro dum relicario de oiro.

Explorou o dolmen, procurou o silex penetrou na sepultura romana, percorreu todos os reconditos das sciencias naturais, e no fuste ou na fivula, no ornato ou na moeda, êle viu a sociedade atravez dos seculos, na noite dos tempos, e tanto lia no craneo do homem pre-historico, como sabia pelo fragmento da ceramica a idade e o povo a que remontavam as origens duma civilisação extinta.

Começou pela classificação das conchas e acabou pela reunião do precioso espolio que ia arrecadando no Museu Municipal do Porto.

Fundou a «Sociedade Carlos Ribeiro», onde a sciencia compendiou uma infinidade de assuntos, e quando morreu deixava ao paiz a PORTVGALIA, a primeira revista que no paiz conseguiu recolher importantissimos materiais e no estrangeiro mais subido ergueu nas Academias o nome da antiga Lusitania.

Sem nunca ter roçado pela nojentissima politica, que tanto avilta e deprime, foi Director do Museu de Mineralogia da Academia Politecnica do Porto, Professor da Escola Industrial Infante D. Henrique, Director do Museu Municipal, e Director da Biblioteca Publica Portuense.

No seu paiz foi uma autoridade scientifica e no estrangeiro era considerado um sabio.

Quando o acaso, no prolongamento da rua dos Banhos, proporcionou achar as fundações duma povoação romana, encarregou o sr. conselheiro José Fortes de escrever os «*Restos de uma vila lusitano-romana*»;—quando lhe participei que na reconstrução dum moinho, no Monte de S. Felix, tinham apparecido uns brincos dentro dum púcaro, encarregou o sr. Ricardo Sevéro de escrever «*O tezouro de Laundos*», e, fazendo-se algumas escavações, transportou as caveiras dum necrotério que lá havia, cujo estudo ainda não veio á luz da publicidade;—conseguindo varios subsidios e a franca coadjuvação de acrisolados patriotas, realisou as grandes descobertas da *Cividade de Terroso*, e sabemos que aquele sapientissimo conselheiro José Fortes perpetúa esse monumento da nossa historia local;—quando lhe fui participar, á cama, uma

bela manhã, que appareceu um colar de ouro, numa bouça da Estéla, ei-lo que procura adquiri-lo, e, de aí, a publicação dum opusculo interessantissimo, «*Ouros protohistoricos da Estéla*», pelo sr. conselheiro José Fortes;—encarregou, depois, o sr. Fonseca Cardoso de proceder aos estudos anthropologicos da raça piscatoria, publicando-se a scientifica monografia «*O Poveiro*»;—sabendo que a igreja de S. Pedro de Rates estava a pedir um misericordioso reparo, conseguiu um subsidio e encarregou o sr. dr. Manoel Monteiro, de Braga, de escrever a historia daquele templo, e, por tal fórma o irudito comissionado se desempenhou do encargo, que ninguem terá o direito de escrever sobre archiologia romana em toda a peninsula espanica, sem primeiro consultar a monografia—«*S. Pedro de Rates*»;—finalmente, sabendo Rocha Peixoto quanto tenho trabalhado em recolher materiais de *Folk-Lore*, pediu, instou e conseguiu que eu coordenasse metodicamente o «*Folk-Lore Varzino*», de cuja publicação êle se empenhava para ficar completa a historia muda e falada dos habitantes deste concelho que êle amava, que êle estimava, que êle adorava, como claramente demonstrou, com documentos autenticos, que a Póvoa de Varzim é o berço de Eça de Queiroz, e na remodelação dos Paços do Concelho,—onde a vereação teve o bom senso de o ouvir, escutar e seguir as suas indicações, sobre azulejos, sobre ornamentações e decorações, cometidas a um professor alemão que ali tem deixado o fruto do seu talento,—está o seu grande patriotismo de fórma a dizer-se, em toda a parte, que o edificio da Camara Municipal da Póvoa de Varzim é o primeiro da provincia.

E nesta altura, quando êle vivia para a gloria e tudo lhe sorria felicidade,—veio a morte ceifar-lhe a existencia, lançando a consternação, a dôr e o luto no seio da sua familia e da sua terra natal. E êle, que viu a algidez do sepulcro, e compreendeu que tudo se cifrava no Nada, pediu, generoso e bom, que o sepultassem numa campa raza, legando á Póvoa alguns moveis, faianças e livros, do seu gabinete!

O seu cadaver foi conduzido de Matosinhos para Agramonte, pela mentalidade em evidencia na cidade do Porto,

onde o senado varzinense, interpretando o sentir unanime dos municipes, reclamou as cinzas do sabio tam querido nas Academias estrangeiras, transportando-as para esta vila, onde teve honras e demonstrações sentidas como até ali se não tinham dado.

Por todos estes motivos temos um fundo sentimento de veneração e respeito ao saber que as suas cinzas descançam nesta terra, e que assim como êle trabalhou por nos engrandecer, tambem os povoenses lhe hão de cobrir eternamente as cinzas de flôres, brancas e perfumadas, de saudade infinda, contínua e perpétua, como foi dôce e adoravel a sua alma de sonhador, como foi grande e poderosa a luz que irradiava do seu cerebro de gigante.

NOTA:

Antonio Augusto da Rocha Peixoto nasceu a 18 de Maio de 1866, na casa n.º 58 da rua da Silveira, desta vila, á qual a Camara deu o nome de «Rua Rocha Peixoto»; e faleceu em Matosinhos, no dia 2 de Maio de 1909. O seu cadaver, á data de se publicar este livro, está no jazigo do abastado capitalista sr. Antonio Graça, esperando que lhe destinem a «campa raza» que êle pediu, e onde, por subscrição publica, lhe será posta uma tocante saudade por um professor de Arte.



Sacra-Familia

Completa a trilogia dos classicos prosadores da nossa Póvoa linda, essa extraordinaria e sapientissima individualidade de Sacra-Familia, que tam alto guindou o nome da sua Patria e tam vivas provas de consideração recebeu na França e na Inglaterra.

Nascendo e seguindo carreira num periodo agitado de revolução, foi longe da Patria ganhar os meios de subsistencia, escudado na sua poderosa inteligencia e na firmeza da sua muita autoridade.

Foi ali, no logar do Anjo, freguezia de Argivai, de onde nasceu a nossa adorada Póvoa, que êle viu a luz do mundo.

E se foi entre canteiros de flôres e ao som melodioso das avesinhas que lhe sorriram os dias, lêdos, da sua infancia,—não foi menos poetico nem menos encantador o seu fim de vida como venerando pastor da Igreja de Santa Helena de Bront-Word, perto de Londres.

Se linda foi a meninice nos encantos da sua aldeia, onde as paisagens se desdobram aos murmurios dos ribeiros e das verdejantes sombras das devezas, — a velhice deslisou plácida e tranquila sob o tocante carinho dos seus paroquianos, no austero silencio do seu magestoso presbiterio e na unção dos acordes melodiosos que a orquestração da Arte e da Natureza evolavam em retumbantes transportes de crenças que nunca morrem, de costumes que nunca se extinguem, de escrúpulos de consciencia que nunca vacilam quando se procura o Céu, onde ha balsamos para todas as dôres que nos retalham a alma, alentos para suportar o fardo desta vida e sorrisos para sofrer todos os perjuros, todas as afrontas e todas as ingratidões.

Quando nasceu, aos 14 de Fevereiro de 1788, chamava-se José da Silva Tavares. Dedicando-se á vida eclesiastica, professou na Ordem de Santo Agostinho, aos 25 de Junho de 1805, recebendo, como frade grilo, o nome de Sacra-Familia. Entrando para a Universidade de Coimbra, formou-se em Teologia a 20 de Junho de 1814 e em Filosofia em 1821, recebendo o grau de capêlo. Nomeado professor de aritmetica e filosofia em 1824 para o Collegio das Artes em Coimbra, passou para o Real Estabelecimento do Bairro de Belem, onde regeu a cadeira de filosofia racional e moral, até 1832.

Em 1834 foram abolidas as ordens religiosas; e como Sacra-Familia fulminava os liberaes, do alto da cátedra, na defêsa da politica reaccionaria e absolutista de seu particular amigo e rei D. Miguel, emigrou para a França, pedindo para Rôma um breve de secularisação que lhe foi concedido em 7 de Maio de 1835. Em 1836, entrou para o estabelecimento do principe José de Chimai, em Munarso du Chateau, onde re-

geu a cadeira de lingua e literatura portugêsa até 1838, de onde saiu para abrir, a 17 de Novembro do mesmo ano, um collegio em Fontenai-aux-Roses.

Mais tarde, deixando a França, passou á Inglaterra, onde, pela sua grande consideração, foi nomeado pároco de Santa Helena de Bront-Word, a alguns quilometros de Londres, falecendo nesta grande cidade a 14 de Setembro de 1858, sendo sepultado na sua parochia com a provéta idade de 70 anos.

Deixou muitos livros de instrução originaes e algumas preciosas traduções.

A Camara Municipal da Póvoa de Varzim deu á antiga rua do Anjo o nome dêste insigne varão e em sessão de 24 de Novembro de 1884, mandou collocar na casa onde êle nasceu uma lápide comemorativa com estes dizeres:

NESTA CASA NASCEU
O DR. FREI JOSÉ DA SILVA TAVARES
(SACRA-FAMILIA)
PROFESSOR DA ORDEM REFORMADA
DE SANTO AGOSTINHO
NASCEU A 14 DE FEVEREIRO DE 1788.
FALECEU A 14 DE SETEMBRO DE 1858.
ESTÁ SEPULTADO NA IGREJA PAROQUIAL
DE SANTA HELENA DE BRONT-WORD — (INGLATERRA)
DE CUJA PAROQUIA ERA PASTOR.

Tais são, em linguagem despretenciosa, as virtudes que exornam o character de Sacra-Familia, que fecha a trilogia dos classicos prosadores desta Póvoa linda e que occupam o 1.º plano dos tumulos de *O meu Panteon*.

Dr. Luiz Antonio Pereira da Silva

Um outro povoense de alta cotação moral e intelectual foi o Dr. Luiz Antonio Pereira da Silva, que nasceu na casa n.º 139, da rua da Igreja, desta vila, no dia 3 de Maio de 1808.

Pelo seu alto saber e reconhecida preponderancia, prestou assinalados serviços á sua terra, pois foi aqui procurador do concelho em 1834 e procurador á Junta Geral do Distrito pelos concelhos da Póvoa e Vila do Conde.

Sua ex.^a era bacharel em Matematica e Filosofia, e formado em Medicina pela Universidade de Coimbra. Foi lente da 2.^a cadeira (Fisiologia) da Escola Medico-Cirurgica do Porto, e Reitor do Liceu da mesma cidade. Comissario dos Estudos dêste distrito; medico do Hospital da Trindade; secretario da Sociedade Agricola; vogal do conselho do Distrito do Porto.

Faleceu o erudito e preclaro Dr. Luiz Antonio Pereira da Silva aos 10 de Fevereiro de 1862, tendo 54 annos de idade cheios de prestigio e de gloria.

A Escola Medico-Cirurgica do Porto mandou colocar na aula de Fisiologia o retrato de tam inclito varão e a Camara Municipal da Póvoa de Varzim deu á sua Escola Superior (que depois converteu em Liceu Nacional) o titulo de «Instituto Luiz Antonio» — singelo mas significativo preito de consideração a quem tanto lustre deu á sciencia e tam exuberantes provas deu de actividade e rara intelligencia.

Antonio Batista de Almeida

A vila da Póvoa de Varzim, á data da carta-foral passada por D. Diniz, em 3 de Janeiro de 1305 era muito circumscrita; e como nêsse documento se não falava em limites ou divisão dos termos, o concelho de Barcelos avançava até ao mar, ficando já a pertencer-lhe os terrenos para lá de Ribamar—(hoje Passeio Alegre)—, dando isso origem a grandes questões e demandas.

Está claro que essas pressões e perseguições, por parte do corregedor de Barcelos, chegaram a ponto de querer fazer render pela fôrme os póveiros que se sentiam demasiadamente vexados em prepotencias e tiranias.

Cançada a Póvoa de Varzim de viver nesta critica e angustiosa situação, resolveu, em ultimo recurso, um expediente decisivo,—enviar o seu mais illustre filho á presença de el-rei, afim de lhe expôr de viva voz tudo quanto seria impossivel trasladar num documento official.

Esse dilecto filho chamava-se Antonio Batista de Almeida. Eis como o Padre José Gesteira conta o facto, nas suas *Memorias Historicas da Póvoa*:

«Partiu para Lisboa, sem outros recursos mais do que a verdade das suas palavras e a justiça da sua causa. Presente ao Rei, lhe expôs as necessidades da Póvoa de Varzim com tanta clarêza, que o monarca mandou não só demarcar os limites do concelho, mas tambem ordem ao corregedor do Porto, Gaspar Cardoso de Carvalho, para ir pessoalmente a Barcelos repreender em seu nome o corregedor e camara, por ter tratado os vassallos da Póvoa de Varzim como inimigos, sendo êles subditos da corôa.

«A esta ordem expressa do Rei obedeceram os contendores, e desde então começou esta camara a demarcar com grandes pedras o terreno que lhe pertencia, fazendo a de Barcelos outro tanto, e assim acabaram de uma vez todos os pleitos dêste concelho, até á divisão do governo, que organisou em melhor ordem os distritos dos concelhos de todo o reino.»

Quando faleceu tam probo e virtuoso cidadão o povo comentava em sentidas frases:—«Morreu um Almeida, não aparecerá tam cedo outro.»

Gostosamente nos apraz recolher nêste *Panteon*, onde ficam muito bem, as cinzas dêste virtuoso e prestante cidadão, a pessoa nobre e patriótica que terminando tam vergonhoso pleito conquistou para o seu berço natal regalias que ela não tinha, quebrando as algemas de quem, a 22 quilometros de distancia, vivia escrava na mais humilhante das situações.



O Cégo do Maio

A grandeza da alma não se ha de medir pelo arcaboço humano, como se não ha de avaliar pela riqueza e grandeza das roupagens que nos cobrem.

Quem não conhecesse o simples e rude pescador José Rodrigues Maio, o Cégo do Maio, havia de julgar que ali existia apêgo á vida, como ha em tudo a vaidade e a miseria humana. Mas havendo nesta terra 4:000 pescadores e sabendo-se que não tinha a Póvoa um barco salva-vidas, devemos confessar-nos vexados ao saber-se que era êle quem na hora do perigo ia, com os filhos, ou só, num pequenino batel, salvar os naufragos que se debatiam nas vascas da agonia.

Diversas vezes lhe galardoaram os feitos, dando-lhe a medalha de prata de valor e filantropia, e, por fim, a medalha de ouro da Real Sociedade Humanitaria do Porto.

Veio um dia o Rei D. Luiz á Póvoa; levaram-n'o ao Paredão e lembraram-lhe a necessidade da continuação daquela grande obra do porto de abrigo, como lhe lembraram a exiguidade dos recusos materiais para prestar socorros aos naufragos.

Daí a pouco o ministro Mendes Leal mandava da estação da Cantareira, um barco dado por incapaz e, á sua volta, logo se urdiu a intriga, nomeando-se patrão do salva-vidas uma pessoa completamente, absolutamente estranha aos assuntos do mar, pois era apenas um honrado industrial da nossa terra. (1)

Foi nessa altura que um prestante cidadão (2) levou o Cégo do Maio ao Porto, apresentando-o em todas as redacções, criando-lhe uma atmosfera de carinho e protesto contra a injustiça que lhe faziam, e, dentro em pouco, o Cégo do Maio era, com efeito, investido na posse do cargo de patrão do salva-vidas.

Tempos depois foi o citado Rei D. Luiz com a Rainha sua esposa, D. Maria Pia, á cidade do Porto, onde, em sessão soléne, na grande nave do Palacio de Cristal, desejavam co-

locar ao pescoço do Cégo do Maio o colar da Torre-e-Espada.

O Cégo do Maio foi; e, após a cerimonia do Rei lhe colocar a alta insignia, meteu muito comodamente a mão direita no bolso das calças e tirando uma manada de beijinhos do mar, deu ao D. Luiz, dizendo com toda a sua caracteristica simplicidade:

— «*Pegue, para dar lá em casa aos mininos...*» (3)

Ao que D. Luiz, batendo-lhe nas costas, disse sorrindo:

— *Muito obrigado, muito obrigado!*

Depois, quando saía, a sentinela do Paço dos Carrancas, vendo passar o Cégo do Maio com o colar da *Torre-e-Espada* ao pescoço, bradou: «*A's armas!*»; e o Cégo do Maio, em vez de tirar o barrete catalão, deitou a fugir, porque julgava que o iam prender!

Deu um grande trabalho para o encontrarem. Estava na estação da Bôa-Vista; queria-se na Póvoa, perto do mar, para vêr se algum naufragio precisava de socorro.

Grato aos protectores que lhe faziam justiça, fez-se politico, e era um fervoroso adepto do partido progressista.

Um dia, o presidente da camara, (4) que era regenerador, pediu-lhe o voto, ameaçando-o. O Cégo do Maio não esteve com rétoricas—atirou-lhe com a tigela das papas que tinha nas mãos. Foi prezo. Quiz rebentar os ferros da prizão e o desgosto atirou com êle para a sepultura, porque teve de andar fugido, auzente da sua terra e dos seus.

Puzeram-lhe na campa raza uma louza com um distico que era a consagração dum povo agradecido. Foi pena perder-se.

Lembraram-se os artistas do Porto de realizar uma excursão á Póvoa, a 31 de Junho de 1904, annunciando que traziam corôas e palmas para depôr na campa do Cégo do Maio.

Como o seu cadaver estava no antigo Cemiterio das Dôres, onde hoje está a cadeia, foi preciso recolher as cinzas numa urna de nogueira, mandada fazer pela camara, e transporta-las para o novo Cemiterio da Giesteira.

Fui eu quem, descendo á sepultura, levantei essas sinzas venerandas, dando-as ao engenheiro da camara (5) que por seu turno as recolhia na urna.

Passada a excursão, esqueceram-se dessas reliquias, levando-as de cima do jazigo Azurar para a capela do cemiterio e, dali, para a casinha do guarda, onde não tinham pouso certo. Foi então que me dirigi ao sr. presidente da camara, (6) solicitando-lhe a caridade de consentir que no seu jazigo estivesse a urna com as cinzas do Cégo do Maio, que andavam a reboque pelo cemiterio, sem veneração nem respeito.

Sua ex.^a acedeu aos meus desejos; e enquanto a Póvoa não tem, no cemiterio, um quarteirão com uma rua para conter, a seguir, os jazigos dos benemeritos, as cinzas do Cégo do Maio estão recolhidas, por piedade, numa capela que condiz perfeitamente com a grandiosidade do respeito consagrado aos mortos que lá descançam o sono eterno.

José Rodrigues Maio, o Cégo do Maio, nasceu a 8 de Outubro de 1817, na rua dos Ferreiros, desta vila, e na manhã de 13 de Novembro de 1884, pelas 10 horas, «o sol estendeu o seu manto de oiro e, envolvendo aquele espirito de cristal nas suas dobras de luz—arrebato-o para as esferas onde só vivem espiritos assim nobres, assim grandes, assim heroicos.»

Os povoenses tiveram a generosa ideia de erguer um busto, em bronze, ao benemerito Cégo do Maio, no sitio mais central da beira-mar.

A camara, deu á Caverneira o titulo de «Rua Cégo do Maio» ao Largo Campos Henriques o titulo de «Largo do Cégo do Maio» e tem na ante-sala das sessões uma magnifica téla;

No Club Naval existem as medalhas e os diplomas que lhe concederam; e

Eu, do Cégo do Maio, tenho a *agulha* e o *muro* com que êle fazia as suas rêdes. Venero essas reliquias por terem sido dum grande que, no meu entender, subiu acima de homem—foi um carinhoso Santo !

E que outra coisa hei de eu chamar a quem praticou os actos de maior bravura, de maior abnegação e de maior altruismo, estando sempre pronto e decidido a morrer pelos seus companheiros sem outra recompensa que não fosse as benções da Providencia ?

Contar as vidas que êle salvou? Como e quando?—De 39 pessoas sei eu que êle arrancou do abismo ! Mas êle praticou um acto de tamanha grandeza, que para aqui o traslado do „*Comercio do Porto*“, jornal da maior reputação e seriedade, o que do Cégo do Maio ha mais de 27 anos publicou.

«Nunca receava o perigo, e ainda ha poucos dias, quando o grande rôlo do mar, e a arrebentação na costa da Póvoa, expunham a perigo iminente mais de 200 lanchas da pescaria (entrando a do Cégo do Maio nesse numero), apenas devido á sua coragem e pericia, pôz pé em terra na Cachina, correu para o sitio do salva-vidas, que até então se conservava imovel, reconhece o grande perigo: nem choros nem lagrimas o detéem, e apenas entra dentro do fragil lenho, encontra companheiros aventureiros, dirigem-se para a barra, transpõem-n'a, e dirigindo o rumo dos infelizes pescadores, extenuados pela anciedade, pelo trabalho e pela fome, guia para dentro da barra 60 lanchas, com cerca de 700 tripulantes, e é êle o ultimo que abandona o posto de honra, quando já tinha escurecido !»

.....
O Cégo do Maio foi um heroi, a sua alma foi a de um crente, as suas cinzas são as de um carinhoso Santo.

Crianças pequeninas, filhas do amor e da inocencia, amigas da nossa irmã Agua e queridas do nosso irmão Sol,—quando passardes pela beira da estatua ou das cinzas do Cégo do Maio, reverenciai a memoria desse grande coração imaculado e santo, desse generoso e extraordinario benemérito que foi o assombro de toda a gente do seu tempo.

Assim como sai da alavanca a potencia, que brote dos vossos tenros corações a veneração e o respeito pelo heroi. Aprendei e decorai a epopeia homerica deste homem que

não conheceu a vaidade nem aspirou grandezas. Nasceu humilde, viveu pobre e morreu com toda a serenidade dum justo. Outro, que em igualdade de circunstancias hoje vivesse, seria irmão da ambição e compaheiro de ridiculas pretensões: pedia aos jornais uma noticia no dia dos seus anos, ou de quando fosse tratar de negocios ao Porto, atravessava como um pavão as ruas da vila e trazia debaixo do tacho a sombra do seu semelhante.

O Cégo do Maio nunca se deslumbrou pelas mais altas recompensas que lhe concederam,—com a alma santissima e pura de benemerito, foi simplesmente uma unica coisa—uma gloria da nossa terra.

NOTAS:

- (1) José Francisco Fernandes.
- (2) Antonio Maria Pereira Azurar.
- (3) Para o então principe real D. Carlos, duque de Bragança, e infante D. Afonso, duque do Porto.
- (4) Leopoldino Rodrigues da Costa Silveira.
- (5) O sr. Gonçalo Artur Cruz.
- (6) O sr. Dr. David José Alves.



Conselheiro Bento de Freitas Soares

A rainha D. Maria I, por Alvará de 7 de Fevereiro de 1772 e no intuito de arrancar a vara da justiça das mãos dos Juizes Ordinarios, pessoas leigas em Direito criminal, civil, administrativo e comercial, etc., etc., que as mais das vezes se deram ao prazer de praticar verdadeiros escandalos e os mais requintados despotismos,—creou, nesta vila e seu termo, o lugar de Juiz de Fóra, entregando o cargo a pessoas

entendidas. Porém, pela restauração da Carta Constitucional por D. Pedro IV, acabou esta regalia popular e voltou-se aos antigos tempos do Juiz Ordinario.

Apezar deste grande fracasso para a Póvoa de Varzim, succedeu que limitando-se o seu concelho ao «pequeno recinto da vila, ficando parte da freguezia fóra da jurisdição da camara»,—foi engrandecido com mais de 11 freguezias, o que, de certo modo, lhe veio rasgar novos horisontes, se bem que a essa divisão não presidiu um espirito de recta e imparcial justiça.

Havia necessidade, pois, de remediar tamanho e tam formidando mal, não só com respeito á justiça que devia estar nas mãos dum juiz de direito, como pela divisão concehlia, por que se interpunham duas freguezias, Amorim e Beiriz, que de Barcelos passaram para Vila do Conde, e não podiamos ir ao nosso concelho sem atravessar o concelho visinho.

Não tinha a Póvoa, por esse tempo, nenhum de seus filhos que viesse á liça terçar armas pelo seu engrandecimento. Mas de aí a 35 anos dois estranhos, que em politica desempenhavam papel preponderante, olharam com admiração e amor pelas belezas naturais, tomando um logar de destaque, sacudiram esta sultana, acordando-a e tapetando-lhe o futuro de rosas.

Uma dessas figuras é a que hoje tenho a satisfação de indicar aos meus leitores e que muito honram os sarcófagos deste *Panteon*, o Conselheiro Bento de Freitas Soares.

Este distinctissimo Conselheiro nasceu em Vila do Conde a 10 de Agosto de 1822, formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra em 1849. Abandonando a clinica, onde era a maior das esperanças junto de qualquer enfermo, enleou-se nos meandros da politica. Primeiramente foi presidente da municipalidade daquela Vila, a quem dotou com importantes e valiosissimos melhoramentos, e por sua influencia se lavraram os decretos de 17 de Março de 1870 e 19 de Março de 1871, pelos quaes houve uma remodelação de concelhos, dando a Póvoa a Vila do Conde as freguezias de

Rio-Mau, S. Martinho do Outeiro, Parada e Santagões, recebendo em troca Amorim e Beiriz, que tanta falta lhe faziam.

Subiu a Deputado da Nação e Par do Reino, e, por ultimo, exerceu o cargo de Governador Civil do Porto, sonhando sempre, sempre, esta alma de benemerito que das duas povoações maritimas, Vila do Conde e Póvoa de Varzim, devia surgir a *Cidade dos Bons Afectos*.

Depois de dar á Póvoa, ainda que por uma troca, as referidas freguezias de Amorim e Beiriz, teve a gentileza de lhe criar a comarca a 16 de Junho de 1875, satisfazendo inteiramente, plenamente, aos desejos dos povoenses,—porque, apesar da justiça, bem ou mal, correr no tribunal deste julgado, eram as audiencias gerais realizadas em Vila do Conde, o que não só causava incomodo e despesas medonhas aos povoenses, como se lhes tornava vexatorio e deprimente a sujeição imposta.

O saudoso cidadão, querendo levar mais longe a sua generosidade para com a Póvoa de Varzim, conseguiu que nas Portas Fronhas, a meio caminho de Vila do Conde, se construísse um predio onde se estabeleceu a primeira estação telegrafica que serviu estes dois povos, e mandou rasgar uma estrada, desde Argivai ás Cachinas, afim de que, na futura *Cidade dos Bons Afectos*, delimitasse os seus dois bairros, Norte e Sul, servidos por dois administradores e por uma só municipalidade, que devia ser a da Póvoa de Varzim, partindo do principio que a fisica nos explica do iman atrair o iman na razão directa das massas; e, na impossibilidade da realisação desse sublime ideal, delimitar irmãmente, equitativamente as duas vilas visinhas, para caber á Póvoa de Varzim essa nesga de terra chamada Poça da Barca, objecto das suas maiores aspirações que por todos os principios de direito e de justiça nos devia pertencer.

A Camara Municipal da Póvoa de Varzim tomando na mais alta consideração os valiosissimos serviços que este nobre cidadão lhe prestou, criando a comarca, deliberou, por unanimidade, dar o nome de *Rua de Bento de Freitas* á rua que

tinham aberto, por essa ocasião, entre o Largo da Senra e a rua Direita.

Mas como a negra ingratidão sempre encontrou uma pedra para se sentar no coração do homem, e depois de lá adormecer tem artes para transformar uma pomba numa fêra brava, modificando ideias, alterando opiniões e prevertendo a nobresa dos sentimentos,—levou a insensatês ao cumulo de arrear a placa onde se lia *Rua de Bento de Freitas*, substituindo-a por outra onde ainda hoje se lê: *Rua de Santos Minho*.

E' certo que este ultimo cidadão foi um prestante conterraneo; mas não admite confrontos com as medidas patrioticas e benemeritas de alto tino politico, administrativo e economico do muito distinguido e nobilissimo character do illustre Conselheiro Bento de Freitas Soares.

Tam inclito varão deixou de existir a 13 de Fevereiro de 1887. Se alguém, de figados de leão, julgou rasgar tamanha folha de serviços e apagar, em vida, um nome tam fidalgo e prestigioso—enganou-se; nêste *Panteon* admira-se «essa maravilhosa multidão de beneficios», venera-se e estima-se esta individualidade de tamanha envergadura,—o Conselheiro Bento de Freitas Soares.

Antonio Joaquim Guimarães

SAIBAM todos quantos estas paginas de historico preto de gratidão lerem, que nasceu na antiquissima vila de Rates, hoje freguezia pertencente ao concelho da Póvoa de Varzim, uma criança do sexo masculino que desde o termo do seu batismo se ficou chamando Antonio Joaquim Guimarães, filho de Maria Izidóra Gomes da Costa e pai incognito. Que tendo ido, em rapazinho, para o Brazil, veio a falecer na cidade de Porto Alegre aos 27 de Novembro de 1865; e sendo solteiro e não tendo nenhum filho natural, dispoz livremente dos seus bens pela fórma seguinte:—que seriam divididos em duas partes iguais, sendo uma parte para sua irmã Ana Maria Izidóra, com a condição de só gozar o uso-fruto em quanto viva, revertendo o capital, por sua morte, a favor da outra parte, com cujas importancias se havia de instituir na terra da sua naturalidade um Asilo, intitulado «Marquez de Pombal», para o fim da criação, tratamento e educação de crianças pobres e invalidas,—e uma Escola intitulada «Camões», onde se ensinasse *todos os principios elementares da Arte ou Sciencia de Agricultura*, admitindo-se alunos internos e externos, mas todos pobres, sendo as lições em todos os domingos e dias santos, e todas as noites, a qual instituição seria dirigida gratuitamente por uma comissão de homens probos do lugar, eleitos á pluridade de votos. Os seus capitais, liquidada a herança, produziu 32:287\$034 reis. Pagas as despesas do inventario ficaram 27:966\$000 reis, sendo a parte do Asilo-Escola 13:983\$233 reis; dos quais, pagos os direitos de transmissão, ficaram 9:788\$264 reis, que, juntos á

parte liquida da uzufructuaria, 10:487\$425 reis, deu a totalidade de 20:275\$689 reis.

Satisfazendo em tudo a vontade deste benemerito cidadão, construiu-se em Rates o edificio escolar e albergue onde tem ido grande numero de crianças receber o pão espiritual.

Uma comissão administradora querendo perpetuar a saudosa memoria desta bela alma, procurou o seu retrato para ter patente á admiração dos homens de sã criterio, principalmente para servir de estimulo áqueles a quem a deusa da Fortuna bafejou e sorriu. Foram baldados todos os seus esforços; e dentro daquele padrão de amor ao ninho seu paterno, e de homenagem a uma individualidade tam patriotica—uma corôa fotografica testifica a singela consagração dum povo agradecido.

E porque é do meu dever guardar neste *Panteon* as reliquias venerandas de todas as almas que deixaram na sua passagem pela vida terrena um rastro de luz como a que deixam os meteóros quando se deslocam no espaço; e considerando eu que seria um crime esquecer o nome simpatico de Antonio Joaquim Guimarães, que, na hora extrema, sentindo a nostalgia da Patria, enviou da terra segunda mãe o fruto do seu trabalho honesto e honrado:—para aqui traslado este benemerito e sobre a sua memoria deponho uma sentida homenagem feita do sorriso dos inocentes, da candura infantil e, tambem, da gratidão dos homens probos da sua terra natal.

Lavro este termo com tanto maior empenho quanto é certo que Antonio Joaquim Guimarães deixou escrito no seu codicilo que queria que a sua vontade durasse *ad perpetuam rei memoriam*.



Francisco Gomes de Amorim

PELO norte da praia de banhos da Póvoa de Varzim, e á distancia de 3 quilometros, existe um povo humilde e laborioso, agrupado em frente ao mar, onde vai em jangadas e bateis apanhar sargaço ou fabricando a terra-mãe que lhe dá mimosos e variados frutos. Ao centro do povoado ergue-se esbelto e donairoso o templo das suas crenças, que encerra o maior penhor dos seus affectos—a Virgem Senhora

das Neves. Quasi junto desse padrão de fé existe um pobre-sinho casebre de cujo ninho de amores nasceu uma gloria nacional que, sem possuir outros diplomas que não fosse a expontaneidade que em torrentes de trenura brotava do seu coração de oiro de fino quilate, entrou na Academia Real das Sciencias de Lisboa, na Real Academia da Historia de Madrid, na Academia das Sciencias de Bruxelas, no Instituto Historico, Geografico e Etnografico do Brazil,—consequindo, além doutras recompensas, a medalha de oiro conferida pela Academia Española á melhor poesia inspirada no segundo centenario da glorificação de Calderon de La Barca,—*Francisco GOMES DE AMORIM*, poeta, escritor e dramaturgo.

Essa criança, que passou o tempo da sua infancia a brincar pelos regatos da sua aldeia, «saiu do oceano coroadado de pérolas» e ao ritmo das ondas que se quebravam de encontro aos rochedos da praia ou arrebatando-se no espectaculo lindo da liberdade do sol e da lua, ensinando aos homens que a opressão é um crime e a tirania um horror,—essa criança aprendeu, com Virgilio e Homero, a cantar a liberdade e a chorar a escravidão. Porisso, o mavioso poeta, achando que Abremar, seu berço natal, era pequeno de mais para a sua alma se expandir em caudais de sentimento, partiu para o Brazil, e foi então que êle, como ninguem até ali o havia feito, se interessou pelos que sofriam e gemiam sob o pezo do chicote e do pôtro dos negreiros. «Aos 13 anos conhecia as florestas virgens da America, saltava as cachoeiras do Xingu, subia o Amazonas, familiarisava-se com o tigre, com a onça, com o tamanduá, com o jacaré, retezava o arco da tacoára, dava caça ao veado, e á anta, e fazia versos nas margens sertanejas do Cumururu, entre o rugir das feras, o despenhar das cachoeiras, o murmurio das florestas e a engressia dos selvagens tupis.»

Em versos ricamente cinzelados, escreveu os *Cantos Matutinos*; e como bebeu a poesia dos lagos e se comoveu á sombra magestosa dos sertões, publicou o *Odio de Raça*, o *Ghigi*, *Os incognitos do mundo*, *Os selvagens*, e tantos outros trabalhos de elevados meritos literarios. A *Corveta* e As

duas fragatas, são emocionantes scenas da vida maritima que muito elevaram os sentimentos de Gomes de Amorim.

Regressando á patria foi chapeleiro para não morrer de fome; mas, familiarisando-se com Almeida Garrett, teve a ventura de ser o seu discipulo amado e guindar-se ás impo-
nencias do seu comprovado e reconhecido talento.

Póvoa linda, oh ! praia das illusões, oh ! fulvas areias dum mar de sonhos,—deante deste sarcófago de Gomes de Amorim depõe a tua corôa de nenufâres, porque assim como a aurora depõe gotas de orvalho nos cálices das flores, tam-
bem tu, ó minha mãe Varzim, deves deixar saudades sobre a memoria desse diamante que aos embates da maré por si mesmo se lapidou.

Francisco Gomes de Amorim nasceu em Abremar, aos 13 de Agosto de 1827 e faleceu em Lisboa a 4 de Novembro de 1891. A Camara Municipal deu o nome do Poeta á escola do sexo masculino da freguezia de Amorim, á rua que vai da Praça Marquez de Pombal a Abremar; e na casa onde êle nasceu mandou colocar uma lapide com estes dizeres:

AOS 13 DE AGOSTO

DE 1827

NASCEU NESTA CASA

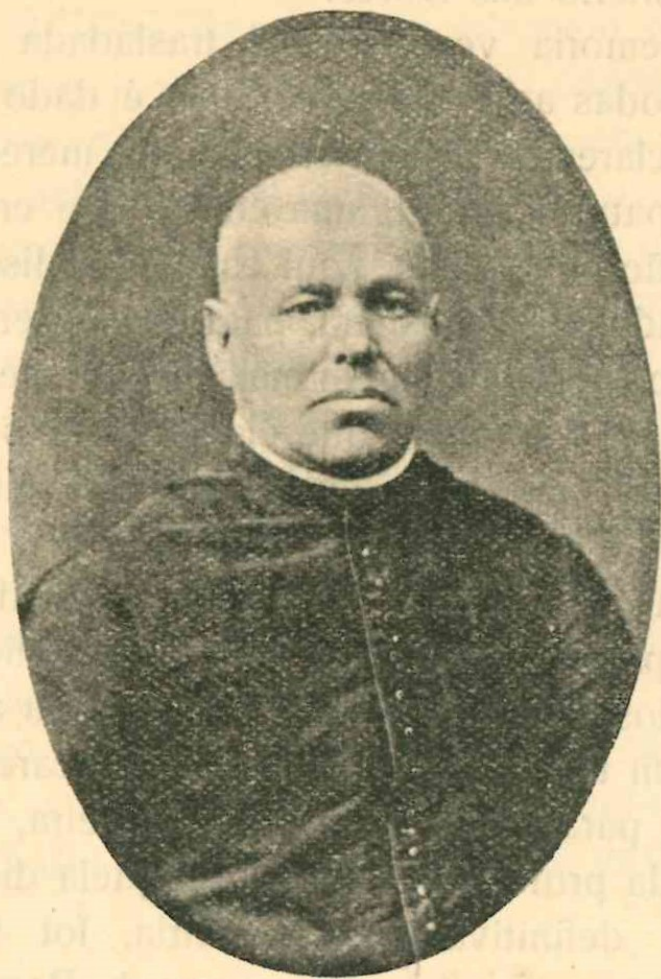
FRANCISCO GOMES AMORIM

E' UMA DAS GLORIAS DESTA ALDEIA,
DESTE CONCELHO E DESTE INFELIZ E
VELHO PORTUGAL.

EM HOMENAGEM Á HONRADÊS,
AO TALENTO E AO RENOME CONQUISTADO
PELO ESTUDO E PELO SABER,
EM SESSÃO DE 5 DE OUTUBRO DE 1885
A CAMARA MUNICIPAL DESTE CONCELHO
MANDOU COLOCAR AQUI
ESTA LAPIDE COMEMORATIVA

estas fragoras, são emocionantes, seguras da vida marítima que
tanto elevam os sentimentos de Gomes de Aguiar.
Regressando à parte do capítulo para não morrer de
fome, mas satisfazendo-se com Almeida Garrett, teve a
ventura de ser o seu escolhido amado e fundar-se a impo-
nência do seu compromisso e reconhecido talento.
Póvoa Linda, oh! praia das ilusões, oh! lúbulas areias
humidas de sonhos,—desse deste saudoso de Gomes de
Aguiar depois a sua vida de nebulas, porque assim como
a amora depois goza de orvalho nos callos das flores, tam-
bém tu, ó minha mãe Válgem, deves deixar saudades sobre a
memória desse gigante que nos combates da maré por si
mesmo se jactou.

Francisco Gomes de Aguiar nasceu em Abrantes, nos
13 de Agosto de 1837 e faleceu em Lisboa a 4 de Novembro
de 1891. A Camilla Matheval deu o nome do Poeta à escola
do sexo masculino da freguesia de Aguiar, a rua que vai
da Praça Marquês de Pombal a Abrantes e na casa onde ele
nasceu nasceu colheu uma lapide com estas palavras:



Padre José Gesteira

QUEM olhar para o retrato do autor das *Memorias Historicas da Vila da Póvoa de Varzim*, ha de julgar que foi, talvez, um homem aspero e rude, quando êle, afinal, não passou duma criatura simpatica, provocando imenso riso ao contar as suas finas ironias, em portugûês ou em italiano, e as suas jocosas partidas, sublinhadas com espirito.

A sua biografia é simples como a modestia e a democracia do seu sentir e pensar.

Este esclarecido sacerdote viveu sempre rodeado da inveja dos cretinos a quem a sua pena escarpelisa sem piedade, e a sua memoria foi votada ao mais ultrajante esque-

cimento, como as suas cinzas ficaram perdidas no labirinto do antigo Cemiterio das Dôres.

A sua memoria veneranda é trasladada para *O meu Panteon* com todas as homenagens que é dado render a uma intelligencia esclarecida, a um homem de merecimentos e a um devotado patriota. Se alguma cousa vale erguer um tam autentico padrão de historia, aqui está, presadissimos leitores, o nome do Padre José Gesteira, para ser venerado com respeito e carinho, porque ningem mais do que êle adorou a sua terra natal,—nem melhor do que êle soube expor a vida em defeza da classe piscatoria,—nem por ela tantos trabalhos sofreu, jogando a vida em lutas politicas.

Tendo nascido na casa n.º 20, da Praça do Almada, foi, aos 14 anos, para Pernambuco, onde se dedicou a cultivar a linguagem dos anjos—a musica;—regressou aos 18 para se aperfeiçoar com um distinto professor bracarense, e partiu, tempo depois, para a mesma cidade brasileira, onde se ordenou debaixo da protecção do bispo daquela diocese. (1)

Voltando definitivamente á patria, foi visitar a Italia, admirando os monumentos e as ruinas de Roma, assim como as cinzas da Pompeia, fazendo deliciosas descrições desses logares, exaltando, em coloridos de frase, as excellencias da Arte e o genio do Cristianismo.

Musico distinto, fez mimosas composições que se perderam; prégador de fama, convidaram-no para grandes solenidades, correndo impressas as orações funebres que proferiu nas exequias de D. Pedro V e Pio IX;—jornalista vigoroso, publicou muitas criticas nos periodicos de combate, deixando impressa a sua principal obra *Memorias Historicas da Póvoa de Varzim*, fonte aonde téem ido beber todos quantos desejam falar desta encantadora terra da beira-mar.

Finalmente, tambem foi um grande politico,—desejando erguer bem alto o nome do seu berço natal, defender no Parlamento os vitais interesses da Póvoa, e, nomeadamente, da classe piscatoria, aceitou, por duas vezes, a proposta do povo, para receber o diploma de deputado oposicionista contra os governamentais apresentados ao circulo unido de

Vila do Conde-Póvoa (2), sendo, das duas vezes, a eleição roubada á força armada. Da ultima vez, era tal a popularidade do Padre José Gesteira, que o povo, no meio da sua grande exaltação patriotica, e no impeto do seu desespero e entusiasmo, ergueu-o nos braços, levando-o em triunfo pelas ruas da Póvoa, aclamando-o com delirantes ovações e fazendo repicar os sinos das torres em sinal de regosijo!

Sofreu ultrajes, perseguições da inveja, como sempre foi sina dos homens de patriotismo e merecimento, tendo de viver escondido aqui e fugir para o Porto, afim de não ser linchado pelo odio satánico dos caciques traficantes.

Tendo passado esses periodos de agitação, voltou, estimado como sempre, respeitado como nunca, e aqui veio a falecer aos 4 de Agosto de 1890, resignado com todos os sofrimentos e na doce beatitude dum crente.

Perpetuar o nome do Padre José Gesteira nestas paginas de historia, é cumprir um dever de honra, é deixar um tributo de saudade, é pagar uma divida de gratidão.

NOTAS:

(1)—D. João da Purificação Marques Perdigão, natural de Viana do Castelo.

(2)—Tomaz Lobo, que foi governador civil do Porto, e Conselheiro José Figueiredo de Faria.

Via de Cande-Form (2). Sendo, das duas vezes a primeira
comida a hora mais tarde. Da segunda vez em tal a hospitalidade
da Piche (de) Gueira, que o povo, no meio da sua grande
euforia de gratidão, e no impulso da sua desconfiança e
suspensão, seguem os seus passos, levando-o em triunfo pelas
ruas da Foz de Iguaçu, com delirantes gritos e
do repete os seus gritos com sinal de regozijo.
Sob o olhar penetrante da mulher, como sempre ha-
via dos humores de paralisar o movimento, tendo de
ver o estado geral e logo para a frente, além de não ser
fido pelo lado anterior dos casacos, vestidos.
Tendo passado esse período de agitação, voltou-se
para o lado direito, e, voltando como nunca e logo voltando
de volta, a 4 de Agosto de 1893, regressando com a
estabilidade e as duas pessoas da família.
O Inspector o nome do Padre José (de) Gueira, neste
caso de fadiga, e comparecer com a sua família e de
tudo da família, e para mais filhos da família.

NOTAS

- (1) - João da Silva, filho de João da Silva, filho de João da Silva.
- (2) - João da Silva, filho de João da Silva, filho de João da Silva.
- (3) - João da Silva, filho de João da Silva, filho de João da Silva.



O Mestre Sergio

No azul do firmamento existem astros de incomensurável grandêsa e distanciados por infinitos milhares de quilômetros. A Lua, que a nossos olhos, é dum diametro prodigioso, mórmente quando nasce na sua fase cheia, é menor do que Marte, muitissimo menor que Saturno. Mas nem por isso o nosso satélite deixa de ser a sonambula etéria:—ao esbatido do seu luar de prata, cantam rouxinois e trovadores, distilam-se paixões e juram-se confidencias.

Sucede què, com o Mestre Sergio, se dá a mesma coincidência que com os astros: não é tamanho como o seu antecessor, o Cégo do Maio, não cabe o seu medalhão no obelisco que um dia se ha de erguer na frente dos Paços do Concelho, onde está logar reservado ao renome conquistado nas letras, na sciencia e na filantropia; mas tem aqui, n'*O meu Panteon*,—que não é, positivamente, um obelisco camarario, mas o autentico recinto onde resolvi recolher o talento, a abnegação e a caridade bem entendida,—um logar de destaque; e o Mestre Sergio, salvando para cima de 112 naufragos, á entrada da barra desta vila, foi um coração abertamente humanitario, uma alma genuinamente benemerita, tem um logar distinto no primeiro plano dos filhos illustres da Póvoa de Varzim, porque, tendo nascido humilde, por seus feitos morreu um heroi! Não foi um vaidoso mas viveu no tempo em que dominava uma sociedade soberba e ingrata.

Por mais que praticasse aventuras arrojadas, nunca a recompensa foi condigna e justa. Diz o regulamento do Instituto de Socorros a Naufragos, que tendo um individuo ganho tres medalhas de cobre, tem direito a receber uma de prata, e tres de prata dão direito a uma de oiro. Com o Mestre Sergio abriu-se uma exceção escandalosa: tendo êle recebido as tres medalhas de prata, deram-lhe uma de cobre!

Eram assim os negocios do Instituto de Socorros a Naufragos... Afinavam pelo diapasão dos negocios politicos do Estado.

Deixando de parte esses casos esporadicos, teve o Mestre Sergio ensejo de receber muitas provas de estima e consideração, especialmente quando foi nas excursões officiais a Barcelos, a Braga e Guimarães, sendo coberto de flores e de benções, abraçado e beijado, como a ultima reliquia dos grandes lutadores do mar;—viu renderem-lhe as mais altas homenagens e prestar-lhe os maiores triunfos. E' que êle, com o seu fato de flanela branca, adebruado a vermelho e com o barrete catalão na cabeça, com as suas recompensas ao peito e o seu riso franco na sua cara simpatica—traduzia a bondade, a candura, a abnegação e o heroismo que sobre-

leva todos os titulos, vantagem todas as honras e sobrepuja todas as vaidades, porque isso, representando o espelho duma alma generosa, põe em fóco, na sua singela personalidade, o envaidecimento dum povo que á custa dos seus esforços soube arrancar dos recursos materiais do sólo o seu maior padrão de gloria.

Sim, senhores,—o Mestre Sergio tem direito a ter na sala das sessões da *Domus Municipalis* o seu nome gravado numa placa de oiro.

Aqui, n'*O meu Panteon*, tem o Mestre Sergio sobre o seu tumulo uma tocante saudade.

NOTAS:

João Martins Areias, o Mestre Sergio faleceu nesta vila, pelas 6 horas da tarde do dia 14 de Abril de 1911. O seu enterro foi imponente, vendo-se encorporada a Camara Municipal, todas as associações locais, os estudantes das 5 classes do Liceu, os alunos do Colegio Povoense e algumas confrarias, sendo o feretro conduzido na carreta dos Bombeiros Voluntarios. Em sessão de 2 de Julho de 1912 foi dado á rua de S. Carlos o nome de *Rua do Mestre Sergio*.



Sereira Azuraz

FORAM os seus meritos de cidadão probo e honesto, e o seu grande amor pela terra que lhe serviu de berço, que o arrancaram do aconchego do lar e dos afagos da familia para o guindarem ao alto cargo de presidente da Camara Municipal deste concelho.

Era bom tempo, esse, em que os partidos andavam á procura do Merito e da Virtude para investir nos mais altos cargos !

A vila achava-se afastada do progresso e da civilização, os negocios publicos corriam por tal fórma á revelia que deixavam muito a desejar. Naquele tempo a estupidez, a caturrice e o alvedrio corriam parelhas com a vista grossa e burrical largueza dos pagodes politicos que passavam o tempo tratando da extracção de estrumes e apanha de sargaços, não se importando do engrandecimento e da prosperidade da vila e praia da Póvoa de Varzim.

Tendo tomado a peito, Pereira Azurar, a defeza dos interesses da classe piscatoria, conseguiu que o grande benemerito Cégo do Maio fosse investido no cargo de patrão do salva-vidas, e teve força para que a Camara não construísse o Mercado, como tinha no firme proposito, no vasto largo do Passeio Alegre. O partido progressista, levando Pereira Azurar á presidencia da Camara, descerrou as cortinas de novos horisontes, e a Póvoa não só entrou no concerto das praias portuguezas de 1.^a ordem, mas alcançou um grau de superioridade que muito a distingue e eleva; porque, tal como o terreno se desbravou, ficou traçado o plano dum futuro ridente.

E' que, Pereira Azurar, pôs, na frente de tudo, a questão higienica:—foi, em pessoa, levantar a planta parcial da vila e nivelou o bairro sul;—construiu o Cemiterio da Giesteira;—conseguiu uma parte da agua da mina do Hospital;—calcetou as ruas principais;—captou mais agua das minas da Camara;—substituiu a tubagem de pedra pela canalisação de ferro fundido;—dotou a vila com marcos fontenarios;—ampliou a iluminação publica;—abriu escolas e protegeu a instrução;—perpetuou a memoria de alguns filhos illustres da nossa terra;—trabalhou com muito ardor para se realisarem os grandes melhoramentos da enseada;—trabalhou com muito empenho para a independencia do circulo politico;—enfim, se a morte lhe não rouba a vida, com a sua zelosa e sábia administração projectava encanar o Esteiro e realisar obras de capital importancia, porque a sua prodigiosa atividade só estava bem dispendendo toda a inergia em prol da Póvoa de Varzim que êle procurou elevar á custa dos seus proprios recursos, sem o onus pesado de ruinosos empréstimos.

Antonio Maria Pereira Azurar nasceu na Póvoa de Varzim, a 6 de Agosto de 1838; foi para o Brazil aos 12 anos, estabelecendo-se em 2 de Abril de 1863;—regressando á sua terra natal foi eleito presidente da Camara em 4 de Novembro de 1883. Era socio efectivo do Liceu Literario Português; do Retiro Literario Português; da Sociedade de Geografia, Architectos e Archeólogos Portuguezes; benemerito e presidente do Club Ginastico Português; director e fundador da Sociedade Madrépora do Rio de Janeiro; socio da Real Sociedade Portuguesa Amante da Monarquia e Beneficencia; da Sociedade Portuguesa de Beneficencia do Rio de Janeiro; da Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes Mecanicas e Liberais e Beneficente; da Sociedade Portuguesa 16 de Setembro, Patriótica Humanitaria e Beneficente; bemfeitor da Caixa dos Socorros D. Pedro V; remido e presidente da Imperial Sociedade União Beneficente 29 de Julho; da Sociedade de Beneficencia de S. Paulo; da Association des Comptables du Commerce et de l'Industrie, de France; e socio da Real Associação Humanitaria do Porto.

Quando a sua actividade era mais necessaria a esta municipalidade e após um curto periodo de doença, faleceu ao dar da meia noite de 18 de Abril de 1887.

O seu enterro, efectuado a 21, foi um grande acontecimento local, porque nêle se incorporaram todas as irmandades, confrarias e escolas desta vila, o clero, o professorado e grande numero de alunos do concelho, o commercio cerrou as suas portas, o povo saiu todo para as ruas do trajecto, e não houve ninguem que não chorasse lagrimas sentidas pela perda do virtuoso e prestante cidadão que, pelos progressos morais e materiais da Póvoa de Varzim, tanto trabalhou e sofreu. Junto do jazigo de familia proferiram-se sentidos discursos repassados de intensa saudade, e muitissimas pessoas deitaram rigoroso luto. O periodico „*A Independencia*“ publicou um numero comemorativo, escrito por algumas das mais altas sumidades e a imprensa de todos os matizes tecu-lhe os mais justos e merecidos elogios.

Foi Pereira Azurar quem veio ensinar como se adminis-

tram os rendimentos do municipio, e como acima de todas as paixões e de todos os odios deve predominar o tino refletido, o espirito esclarecido da recta e imparcial justiça.

Presidente como este, amigo dos empregados, como êle, ninguém o foi. Na vespera do Natal abraçava-os a todos, desde o secretario ao humilde varredor das ruas, distribuindo por todos um sorriso e uma gratificação, para que no seio das suas familias tivessem festas felizes!

Santa e generosa criatura, que conhecia a fundo a situação precária de quem é tam mal remunerado! Fazia Pereira Azurar isto, no tempo em que os empregados da secretaria tinham gratificações da confecção de recenseamentos e outros trabalhos, assim como os varredores e varios trabalhadores tinham 440 reis por dia. Hoje... os empregados estão reduzidos ao mesquinho ordenado, e o pessoal menor desceu para doze vintens! nesta época tam difficil de viver, com alugueis elevados e generos carissimos!!

Ninguém mais teve o sentir do chorado Pereira Azurar!

São decorridos 25 anos desde que as portas do sepulcro se fecharam sobre o seu cadaver; mas a sua doce memoria está aqui viva, intacta, palpitante, porque os mortos d'*O meu Panteon* petrificam-se como as gotas que formam as estalactites adentro das grutas onde reinam duas coisas muito ricas: o silencio e o respeito.

Ora vê, leitor amigo, como é tam sinpatica a expressão deste morto que aqui descança. Parece que está dizendo:— «Amai-vos como irmãos, e trabalhai sempre pelos progressos da Póvoa linda, da nossa querida mãe Varzim, tapetada de beijos e coroada de estrelas».



Manoel João e D. Adelaide Amorim

EIS aqui dois mortos ilustres que foram em vida dois patriotas e benemeritos.

Preocuparam-se com a elevação do espirito:—para êles foi tam suave cuidar dos efluvios do amor, que sempre que páro deante destes dois sarcófagos, ponho-me a fantaziar a dôce mansão em que jazem, unidos no mesmo amplexo de benemerencia e cobertos pelo mesmo céu de ventura que os tem cercado de rosas e de benções.

Alguem se lembra do mineiro quando, nas ardencias do Estio, bebe as cristalinas aguas que correm da bica sob as frescas sombras da deveza? E, no entanto, esse obscuro e

honrado operario, broqueou a rocha, rebentou-a a dinamite, atravessou as saibreiras á força de picareta, transportou milhares de caixões com pedregulho por um sarilho primitivo, aspirou um ar escaço atravez de alguns oculos, esfalfou o peito mal alimentado, cançou a vista á luz dubia duma lanterna e secou muita camisa no corpo molhado, constantemente, pelas pingas que a terra chora para a nossa alma rir.

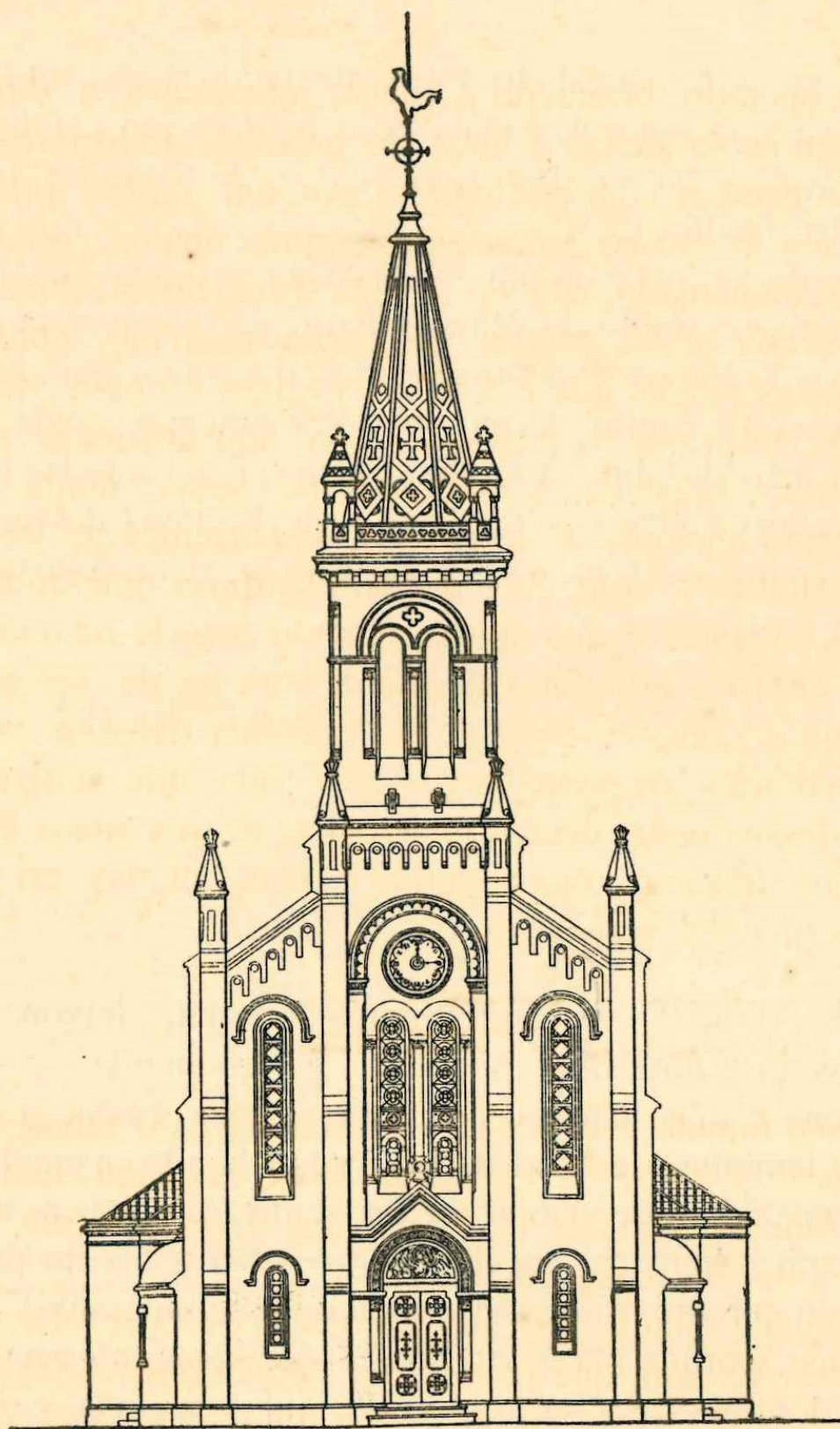
Pois assim muitas pessoas estão hoje risonhas e despreocupadas, satisfeitas e contentes de beber muita luz, e outras estão anciosas e sequiosas, impacientes e freneticas por tranquilisar a vontade e dar ao espirito a quietitude e o balsamo consolador dos aflitos, quando teem fé na bemaventurança eterna,—esperança de que a terra ha de ser a parte integrante do céu,—e caridade para acolher debaixo das azas do seu coração os sequiosos,—mas sem que ninguem se lembre desses bons, desses generosos, dessas almas filantropicas, que deixaram obras santas e pias, dignas do nosso maior respeito e veneração.

Neste tumulo está o ex.^{mo} sr. Manoel João Gomes Amorim; nasceu a 25 de Dezembro de 1849, no solar dos Bonitos de Amorim, distante da Póvoa uns 2 quilometros, e faleceu a 13 de Março de 1900.

Naquelle tumulo está sua esposa, a ex.^{ma} sr.^a D. Adelaide Soares Amorim, que nasceu em Pernambuco a 22 de Setembro de 1853 e faleceu na Póvoa de Varzim a 3 de Novembro de 1905.

Conta-se que quando o falecido Manoel João fôra com seus irmãos para o Brazil (1), dissera, ao deixar a sua terra, que, se Deus e a Virgem lhes dêsse uma bôa fortuna, quando regressassem á Patria mandariam construir uma igreja paroquial na sua freguezia.

A deusa da fortuna nunca desamparou aqueles honrados obreiros, e, em cumprimento desse voto, por todos contraído, está a concluir-se esse lindo e elegante templo, mandado fa-



(FACHADA PRINCIPAL DA EGREJA DE AMORIM)

zer, depois da morte de Manoel João, para que o céu seja fecundo em graças espirituais para tam excelente character.

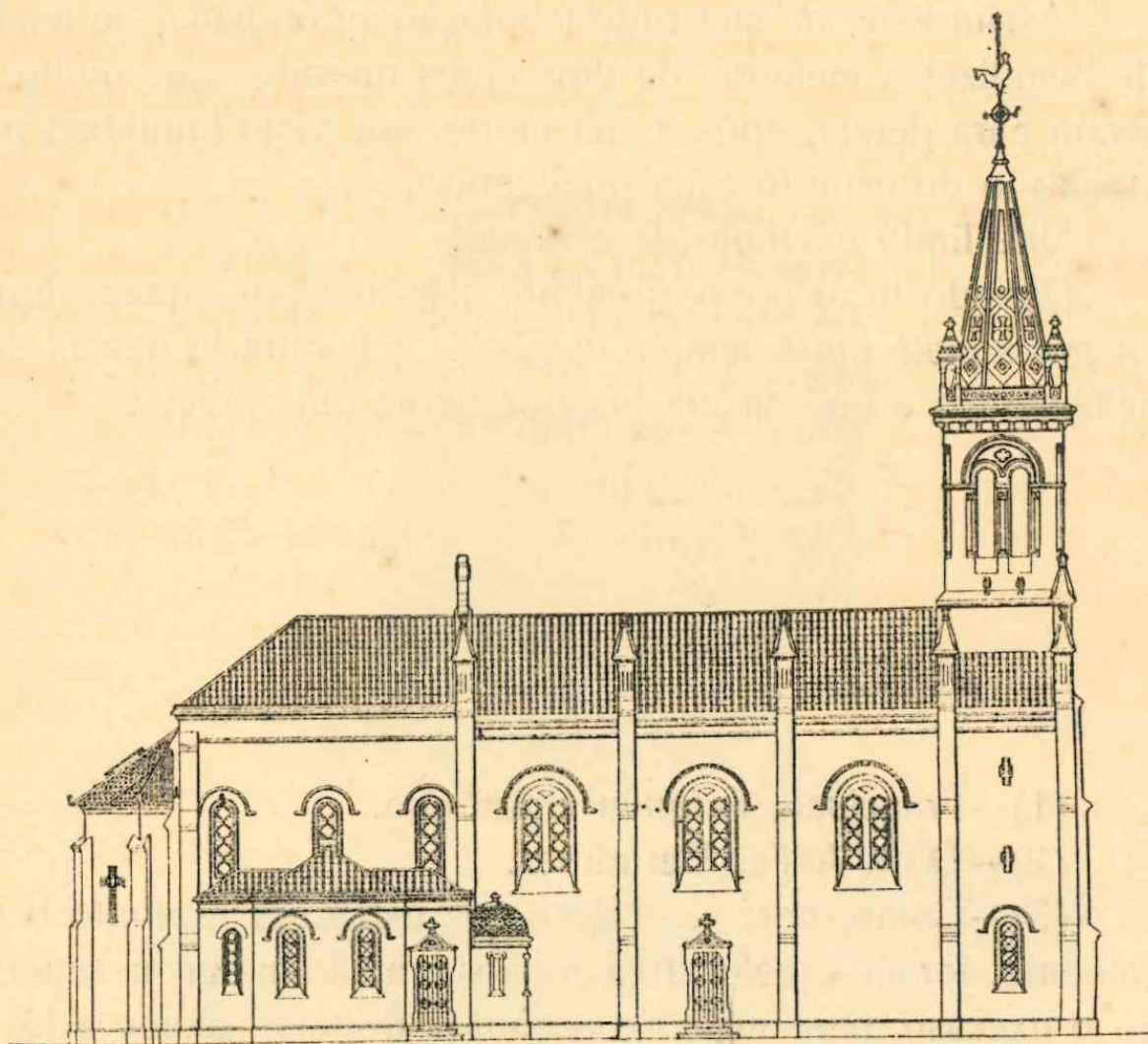
O desenho desse templo foi confiado a um architecto distintissimo (2), e a sua construção a um mestre canteiro com largos conhecimentos deste genero de trabalhos;—de qualquer ponto desta extensa varzea, que se estende desde as margens do Oceano ao sopé dos montes de Laundos e

Terroso, se vê a sua esbelta torre, atestando a sua gracilidade artistica, que é um dos mais ricos padrões do catolicismo, neste concelho, balisa dos sentimentos de Manoel João e sua ilustre familia.

Quando se puzeram em arrematação as obras desta capela, depois da morte de Manoel João, não apareceram licitantes, por todos os concorrentes reconhecerem que a base de licitação, 12 contos de reis, não era sufficiente para compensar a mão de obra. A sua familia resolveu mandar fazer a igreja por sua conta, contribuindo com 3 contos de reis, que era a 4.^a parte, os seus herdeiros, ficando as restantes 3/4 a cargo de seu irmãos. (3)

A ex.^{ma} sr.^a D. Adelaide Soares Amorim, deixou o seu nome ligado a uma obra simpatica e benemerita:—comprou um terreno e nêle mandou construir, á sua custa, a escola do sexo feminino de Amorim (4), preenchendo naquella freguezia uma falta que sempre se fez sentir, porque a mulher, tanto como o homem, tem direito a receber a luz do progresso no seu cerebro, onde ha funções preponderantes a desempenhar, porque ela é, na sociedade, mais alguma coisa do que dona de casa,—é o anjo do lar, é a mãe carinhosa que ha de nos primórdios da vida amamentar o filho, educá-lo, encaminha-lo, encoraja-lo, fazer dêle um excelente cidadão. E a mulher que não sabe ler nem escrever—exerce as suas funções pelos instintos naturais, mas está distanciada do seu seculo, conserva-se num plano de inferioridade perante o seu igual e o seu companheiro—o homem;—as mais das vezes é vitima das trevas do seu cerebro escurecido.

Mas não foi só ali, no templo da instrução, que a ex.^{ma} sr.^a D. Adelaide Amorim deixou o seu nome gravado em le-



(FACHADA LATERAL DA EGREJA DE AMORIM)

tras de oiro,—na hora extrema de se alar á mansão dos justos, lembrou-se dessa corporação de Bombeiros Voluntarios, composta de humildes e ignorados artistas, sempre dispostos a morrer com honra para salvar a vida do seu semelhante no momento do perigo iminente,—a saudosa senhora legou ao cofre daquela associação, 100\$000 reis, motivo porque o retrato de sua ex.^a figura na galeria dos seus protectores.

E' com o mais grato prazer que mostro aos visitantes deste *Panteon* os dois sarcófagos do casal tam feliz de onde brotaram duas obras para satisfazer a crença e o character dum povo.

Assim este, na sua rude labutação quotidiana, se lembre de bendizer a memoria de dois entes queridos que muito fizeram para deixar, após a sua morte, um rasto luminoso para lapidação do espirito e da intelligencia.

Que lindo exemplo de civismo!

Quando tu, ó povó anonimo, passares por aquella Igreja ou por aquele outro templo, a Escola,—lembra-te destes dois benemeritos e que da tua boca se evole uma préce !

NOTAS:

(1)—Francisco, Joaquim e Antonio.

(2)—O sr. Adães Bermudes.

(3)—Como, porém, as despesas excedessem muito o orçamento, foram aqueles três irmãos que tomaram a seu cargo o excesso, para mais de 8 contos de reis, oferecendo os herdeiros, além dos ditos 3 contos de reis, mais o seguinte:—o ex.^{mo} sr. Manoel João Gomes de Amorim Junior, o relógio da torre;—a ex.^{ma} sr. D. Mariana Amorim Alves, casada com o ex.^{mo} sr. dr. David José Alves, um altar;—a ex.^{ma} sr.^a D. Tereza Amorim Cunha, casada com o ex.^{mo} sr. dr. Quirino Augusto de Sousa e Cunha, outro altar.

(4)—A «Escola Adelaide Amorim».



Comendador Almeida Brandão

Desde o tempo em que o Conde Dom Mem Pais Roufinho, da Casa de Azevedo, por dadia do Conde D. Henrique, usufruiu os direitos destas terras, sempre pertenceu *Varazim de Jusão* á *Vila do Castro*, mais tarde *Vila do Conde* (isto é, vila do Conde Dom Mem [ou Mendo, na linguagem corrente do povo], o qual *Castro* éra o monte da margem direita do Rio Ave, onde ainda hoje se vê o Convento de Santa Clara, transformado em «Escola de Reforma»).

Provinha o orgulho castrense do facto da povoação mais antiga daqueles lados ser a *Freguezia de Arvore*, que depois decaiu pelos progressos de *Azurara*, decaindo esta pelos progressos que o Conde Dom Mem imprimiu ao *Castro*, na iminencia onde se ergue o formoso edificio que domina largas milhas do Oceano e a parte mais poetica do Ave até á cortina de montanhas do Bom Jesus e Sameiro. Isto, note-se, e a circumstancia da nobreza de Retorta e terras da Maia, chamadas.

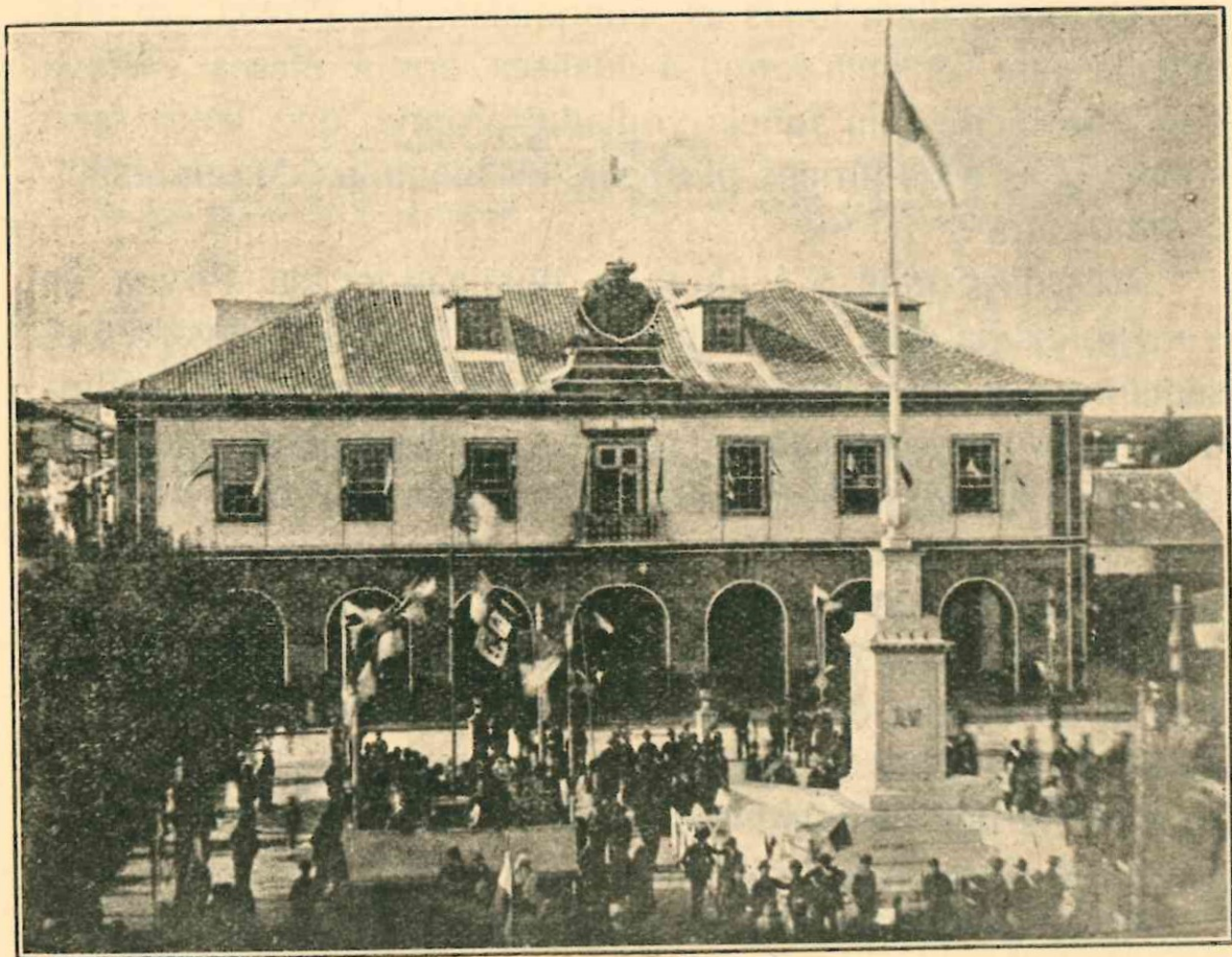
Continuou a Póvoa, pelo decorrer dos seculos, na odiosa tutela até que, por fim, se emancipou, tendo hoje vida desafogada e com esperanças de melhores dias, porque assim como o sol, pela acção do seu calor, fundiu diamantes, tambem o Progresso e a Civilisação ha de encarregar-se de illuminar os cerebros obsecados pela poeira dos tempos e dar a esta formosa estancia as joias que faltam ao seu diadema de Princeza do Oceano.

Nem o foral de 3 de Janeiro de 1305, firmado por D. Diniz, nem o testamento de D. Afonso Sanches, feito em 7 de Maio de 1318, nem o foral de D. Manoel, dado em 25 de Novembro de 1514, deram á Póvoa de Varzim a liberdade de acção para que fosse uma terra independente e livre com assento nas côrtes, como tantas outras que lhe ficavam immediatamente inferiores.

Foram inormes os vexames que as freiras claristas de Vila do Conde exerceram sobre os varzinenses, custando-lhes o primeiro grito de independencia nada menos de 200 libras por ano e todo o solho e peixe real que trouxessem do mar os pescadores.

Pelos decretos de 17 de Maio e 30 de Julho de 1832, acabou a secular rotina.

A segunda conquista, foi obtida por Alvará de 7 de Fevereiro de 1772, autorisando a criação, na vila e seu termo, de um Juiz de Fóra, do cível, crime e orfãos, para a bôa administração da justiça. Mas a Póvoa de Varzim, em si, era isto: a vila, unicamente, ficando parte da freguezia pertencendo



A CAMARA DA PÓVOA EM FESTA, NO DIA DA SUA
IMANCIPAÇÃO POLITICA

a Barcelos, que vinha até ao meio do Passeio Alegre e praia de banhos.

Pela primeira divisão administrativa do regimen liberal, ficou este concelho constituído pelas freguezias da Póvoa de Varzim, — Nabais, — Estéla, — Terroso, — Laundos, — S. Cristovam de Rio Mau, — Rates, — Balazar, — S. Martinho do Outeiro, — Parada, — Argivai, — e Santagões.

Pela segunda divisão administrativa, ficou o concelho da Póvoa de Varzim com dez freguezias, a saber: — Amorim, — Argivai, — Balazar, — Beiriz, — Estéla, — Laundos, — Nabais, — Póvoa de Varzim, — Rates, — e Terroso.

Veio depois em 1871 a criação da comarca, dando quasi que o golpe mortal no orgulho despótico do feudalismo que nos subjugava, — e á medida que o leão sentia fugir a preza, eram maiores e mais aterradores os seus rugidos ao sacudir da juba e das chispas de seu olhar.

De que valiam todas as conquistas da Póvoa, se ela, talhada para ser uma formosa odalisca, era a eterna escrava que jazia inerte sem aquela vontade propria que tanto fazia sobresaír as suas fórmãs plasticas, os requintes da sua esbelta formosura ?

Vila do Conde, a senhora e dominadora da Póvoa de Varzim, exigia dela os direitos politicos para os seus representantes, os quais nunca no Parlamento tiveram a ombriedade ou a generosidade de solicitar melhoramentos tam reclamados na nossa barra para o livre exercicio da pesca.

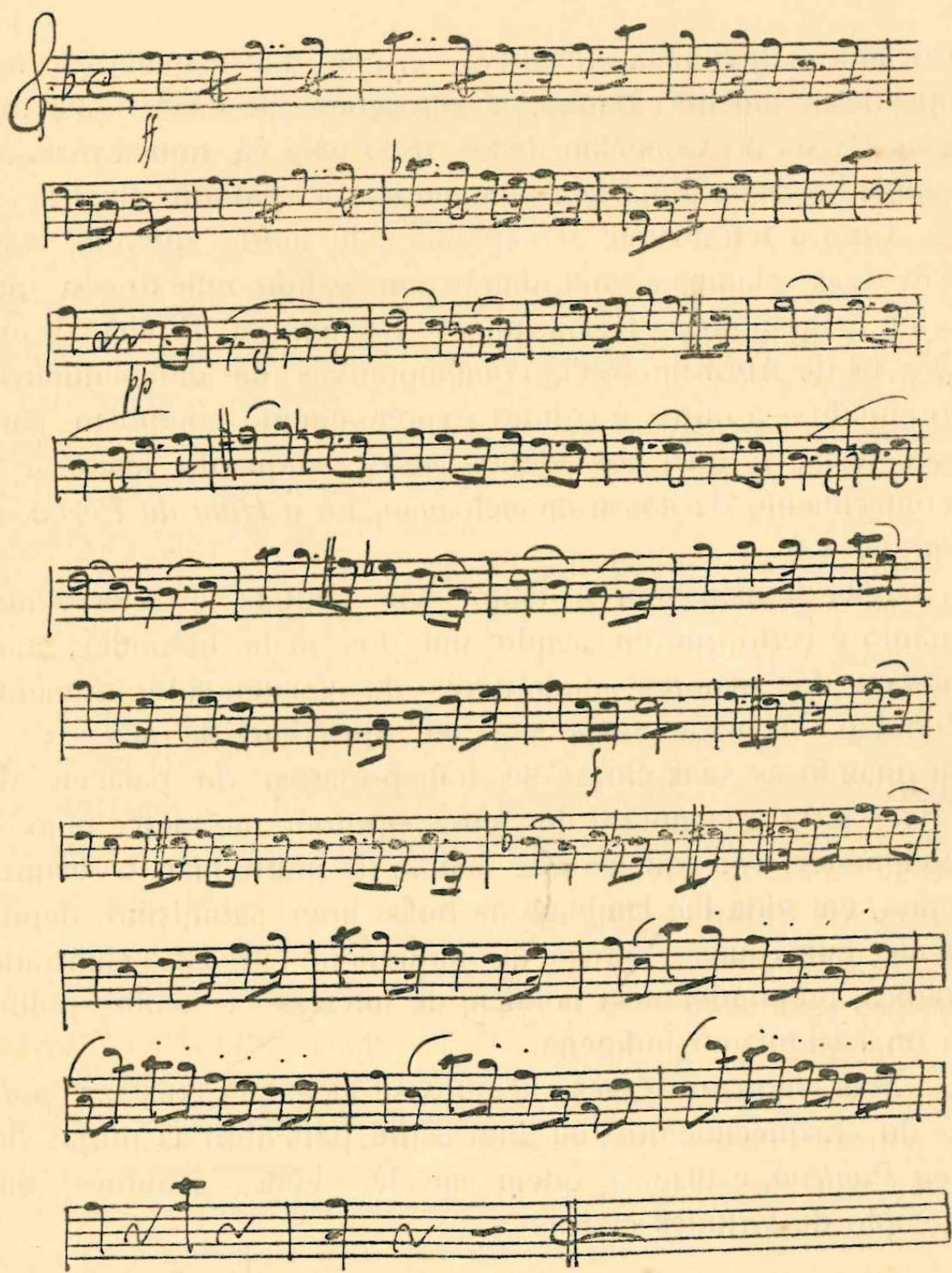
Quiz, então, o Destino, que um filho dilecto deste concelho, por seus avultados bens e fortuna do convivio dos maiores estadistas do seu tempo, conseguisse desmembrar a Póvoa de Varzim de Vila do Conde, cujos circulos ficaram tendo os n.^{os} 25 e 35, sendo esse projecto de lei aprovado na Camara dos Deputados a 31 de Março de 1866 e na Camara dos Pares a 6 de Abril do mesmo ano.

Esse cidadão prestante, esse patriota emerito, esse povoense illustre foi o ex.^{mo} sr. Comendador Manoel Francisco de Almeida Brandão (1), a quem nestas paginas se presta uma tocante e saudosa homenagem, perpetuando-lhe o nome, bem como as suas simpaticas e nobilissimas ações.

Deputado e Par do Reino, na politica progressista, conseguiu isso da imancipação da Póvoa de Varzim, arranhou um subsidio para o quebramento dos penedos da barra, e alcançou, tambem, que se decretasse a continuação do Paredão, por conta do Estado.

Independente disto, criou, a expensas suas, na freguezia de Beiriz, seu berço natal, uma «*Escola-Asilo de S. Joaquim*», para o sexo feminino, um curso noturno para adultos, sendo ao mesmo tempo um desvelado protector das escolas officiais, dando o Municipio de Lisboa a uma das ruas o nome de *Almeida Brandão*, por ofertas valiosas que de sua ex.^a recebeu.

Por tam assinalados serviços prestados á Póvoa de Varzim em geral, á classe piscatoria em especial e a Beiriz em particular,—a Camara Municipal deliberou dar o nome deste



HINO DA INDEPENDENCIA DO CIRCULO POLITICO DA
PÓVOA DE VARZIM

benemerito á rua que vai do Largo das Dores á Giesteira, e em sessão de 26 de Abril de 1886 resolveu mandar pintar o seu retrato a oleo para colocar na sala das sessões.

A ingratidão, que se encarrega de destruir todas as obras como a fogo reduzindo a cinzas todos os corpos combustiveis,—ergueu o braço anarquista que jogou uns poucos de petardos contra a *Escola-Asilo S. Joaquim*, acabando, por

isso, tam maravilhosa iniciativa;—e, pelo que respeita ao retrato desse illustre cidadão, as vereações que teem transitado pelos Paços do Concelho desde 1886 para cá, nunca mais se lembraram desta alma tam benemerita de patriota illustre.

Com o retrato que acompanha este morto querido, vão mais duas estampas: uma, dando um palido reflexo do que foram as grandiosas festas que se fizeram na Póvoa desde 15 a 18 de Abril de 1886, comemorativas da independencia do circulo;—a outra, é o hino expressamente composto para essa festa, e que, por muitos anos, enquanto lembrou o acontecimento da nossa imancipação, foi o *Hino da Póvoa de Varzim*. (2)

Esta homenagem é tanto mais sentida e comovente, quanto é certo que eu, sendo um dos mais humildes, mas tambem dos maiores admiradores do Comendador Almeida Brandão, só uma unica vez me aproximei de sua ex.^a—foi quando as suas cinzas se transportaram do palacete de Calves para o cemiterio de Beiriz,—porque me metia nôjo e repugnancia vêr aqueles que depois da morte mais o esqueceram, em vida lhe lambiam as botas num sabujismo deprimente, numa ancia sôfrega de monopolio de falsa amizade politica, preponderancia politica, de interesse e manha politica do caciquismo indigena.

Mas enquanto esses caciques se facharam com as portas do «Esquecimento», eu aqui estou, para abrir as portas do meu *Panteon*, e dizer a quem me lê:—vêde, senhores, um exemplo de virtudes civicas !

NOTAS:

(1)—O Comendador Manoel Francisco de Almeida Brandão, nasceu em Beiriz a 11 de Janeiro de 1837 e faleceu na mesma freguezia a 5 de Outubro de 1902.

(2)—O *Hino da Independencia do Circulo Politico da Póvoa de Varzim*, foi inspirado pelo sr. Luiz Augusto da Conceição, com exame de contra-mestre da musica do Regimento de Infantaria 10, ao tempo aquartelado no Porto.

Manoel Rodrigues da Cruz

Se temos hoje entre o Porto e a Póvoa, e a Póvoa e Famalicão uma linha ferrea por onde passa triunfante e ovan- te esse gigante de ferro que leva o progresso, a vida e a alma dos povos aos pontos de grande, e fecundo, e empol- gante movimento social,—isso se deve, sem duvida alguma, á situação politica dum homem, assim como ao calôr e á paixão da sua pena de jornalista que electrizou nas colunas do importante diario «O Comercio do Porto», os tesouros inexgotaveis dos poderosos capitalistas, os quais, senhores do grandioso plano financeiro, e atraídos pelos calculos po- sitivos de magicas e fantasticas estatisticas, lançaram as ba- zes duma empreza que só se tem engrandecido e convertido num dos mais sympathicos emporios do trabalho, donde sai o pão de centenas de familias.

Lembrar o nome desse prestantissimo politico, trasladar as suas cinzas para este *Panteon*, perpetuar-lhe a memoria e aponta-lo aos presentes e vindouros como um dos lidimos ca- racteres que todos devem lembrar com grata recordação, in- tranhada e affectuosa simpatia,—não só é um acto de justi- ça, mas a homenagem mais completa e grandiosa que a nos- sa educação pode prestar, distinguindo-se, deste modo, os fóros de civilizados com que justamente nos orgulhamos.

Manoel Rodrigues da Cruz, da cidade do Porto, tendo sido administrador do concelho da Póvoa de Varzim desde 15 de Outubro de 1869 até 24 de Fevereiro de 1874 tratou mais dos extraordinarios progressos materiais desta localida- de do que da politiquice réles que só serve para o caciquis- mo trazer os povos acorrentados á mais ignobil, hedionda e negra escravidão.

Este vigoroso jornalista teve o cuidado e a canceira de organizar diversos mapas officiais do numero de pescadores

e de pessoas empregadas no amanho do peixe, do numero de rêdes, de barcos e seu valor real. Importancia total do produto da pesca e do imposto alfandegario. Numero de carroças, animais e condutores empregados no transporte do peixe. Tempo dispendido na baldeação do pescado, desde a descarga na praia até ao amanho, transporte e chegada aos mercados da provincia.

Posta em toda a sua nudês e clareza as vantagens, para a Póvoa, duma linha ferrea, e os lucros tentadores duma tam rendosa empreza de exportação de peixe e atracção de banhistas,—o certo é que os capitalistas abraçaram este grande plano financeiro e a linha ferrea foi assente sem delongas.

A Póvoa de Varzim teve na sua linha ferrea o principal fautor do seu engrandecimento e prosperidade, e o cerebro fecundo onde se gerou essa ideia feliz, foi o de Manoel Rodrigues da Cruz, cavalheiro das mais finas e nobres qualidades, que poz acima de tudo a influencia do seu cargo de administrador do concelho, que nunca nesta terra foi exercido com tanto patriotismo nem com mais inteligencia.

Se gozamos hoje a delicia de faceis e rapidas communicações com todas as terras servidas por caminhos de ferro, isso se deve unica e exclusivamente a essa pena de jornalista vigoroso, a esse coração de largos horisontes, a esse espirito esclarecido em economia e finanças, que foi Manoel Rodrigues da Cruz.

Desde que a Póvoa viu a linha ferrea, como uma grande aorta, servir-lhe de condutor dessa imensa fonte de vida chamada colonia balnear—acordou do letargo em que jazia, vestiu-se de galas, melhorou as suas condições higienicas, mudou o sistema da iluminação publica, explorou novos mananciais de agua, alargou e abriu ruas, largos e avenidas, conquistou rotundas, alamedas e jardins, estabeleceu mercados, creou escolas e liceu, enfim, a linha ferrea é o mais descompassado melhoramento que a Póvoa gosa.

Vá, meus senhores, convido-vos a pedir á Primavera um ramo de rosas brancas e a vir depô-lo sobre este tumulo que encerra a grata memoria de Manoel Rodrigues da Cruz.



João Antonio de Sousa Flores

Este nosso querido morto foi, sem duvida, um espirito gentil; sobre tudo manifestou ser uma alma que, pelos seus finos quilates, deve estar no setimo Céu metido num relicario de oiro. Amou a quinta essencia do Paraizo com o mesmo affecto que se adoram os anjos,—sentiu as angustias que alanceiam a humanidade, e, decerto, chorou muito quando soube que a mulher vem, desde nossa mãe Eva, sofrendo as dôres da maternidade, os mais dificeis lances entre a vida e a morte, onde ha transportes de amargurada esperanza, desilusões desfeitas á porta da eternidade, desalentos e desditas que bem assinalam a fragilidade humana.

E assim, o benemerito João Antonio de Sousa Flores, querendo repartir os seus haveres pelos pobres, e compreendendo que só aos ricos é dado fruir a ventura de libar o licôr dos deuses e para os pobres estão reservadas as fézes do agro calix da amargura,—a cicuta venenosa, a coacia trava e amarga que retalha e esmerilha o viço e o frescor, a beleza e os encantos do sexo fragil,—legou ao Hospital da Póvoa de Varzim a valiosa quantia de cinco contos de reis (5:000\$000 reis), com obrigação desse estabelecimento de caridade sustentar uma parteira para assistir, gratuitamente, ás mulheres pobres desta vila (1).

E as pobres, que se achavam entregues a *curiosas* que exigiam estipendio pelos seus serviços a quem, as mais das vezes, só tinha, e muitas vezes não tinha, o estritamente necessario para um parco tratamento,—começaram a ter uma assistencia certa e segura por uma profissional com a sua carta registada numa Escola-Medica.

Este sabio e maravilhoso legado foi a pedra basilar duma grande e humanitaria instituição;—porquanto, o humilde auctor deste livro, levando a maior parte da sua vida a cuidar, officiosamente, das necessidades dos pobres, e, conuido das tristissimas e precárias condições de muita parturiente, a quem não podia socorrer,—tanto pediu, tanto suplicou, tanto instou, particularmente e no jornal *A „Propaganda“*, dois anos seguidos, para se criar no Hospital uma *Enfermaria de Partos*, que a Mesa Administrativa (2), convencida das razões expostas, e levada pelo ardente desejo de ligar o seu nome a um rasgo patriotico e humanitario, criou, efectivamente, a «*Enfermaria de Partos e Doenças Puerperais*» (3), onde tem ido aliviar-se dezenas de criaturas, recebendo um tratamento magnifico, porque o pessoal, profissional, é de reconhecida pericia e tem tido a bôa sorte de obrar prodigios na extracção a *forceps*, quando, por infelicidade, succedem partos laboriosos e dificeis (4).

E o fautor de tamanho beneficio ás parturientes a origem de tam descompassada caridade foi o saudoso e por todos os titulos lembrado vilacondense João Antonio de Sousa

Flores, cujo retrato devia sair da sala das sessões da Santa Casa da Misericórdia e ir abrilhantar a *Enfermaria de Partos*, porque é justo que todas as mulheres que por ali transitam tivessem a satisfação de conhecer o seu bemfeitor e erguer ao Céu uma préce fervorosa pelo eterno descanso de tam in-clito e caritativo cidadão.

João Antonio de Sonsa Flores, nasceu numa casa da rua de Cima de Vila da freguezia de S. João Batista de Vila do Conde; era filho legitimo de Francisco Antonio Areias e D. Ana Maria de Jesus. Faleceu no dia 13 de Fevereiro de 1881, e está sepultado na cidade do Porto. En suas disposições testamentarias repartiu grande parte da sua imensa fortuna por muitas instituições de caridade, estando em mais de 50 dessas casas o retrado de tam nobilissima e simpatica individualidade.

Não esqueçamos nunca as reliquias dos nossos maiores; —se a noite e o esquecimento cubriram de pó, aos olhos dos profanos, o tumulo deste benemerito—façamos nós todos o possivel para o conservar neste *Panteon* em lugar visivel para que todos lhe bemdigam a sua santa memoria.

NOTAS:

(1)—Começou a ter cumprimento este legado no 1.º de Janeiro de 1882.

(2)—Foi Provedor dessa Mesa, o capitalista sr. Antonio Gomes Cordeiro, a quem deixo, nestas paginas, o meu vivo agradecimento.

(3)—O primeiro nascimento teve lugar no dia 16 de Novembro de 1905.

(4)—Esse profissional é o illustre clinico, ex.^{mo} sr. dr. Arnaldo Gomes Pereira Batista, a quem muitas parturientes devem a vida.



José Caetano Calafate

Podem os homens desconhecer a fragrancia das rosas, o canto mavioso das aves, a força poderosa do sol e a grandeza admiravel das estrelas, os tesouros da Terra e as maravilhas do fundo do Mar;—pode viver altivo e despota, soberbo e mau, invejoso e tirano, do seu commercio, da sua industria, da sua sciencia, da sua arte, da sua profissão, da sua habilidade, dos seu inventos ou dos seus expedientes—quando a intelligencia fraqueja, os membros cançam, o coração sofre, os achaques mortificam e as esperanças se perdem,—quando, enfim, a mocidade desaparece, as illusões se desfazem, e a realidade traz o desfalecimento e os desenganos da vida—

da boca de todos, sem discrepancia de opinião, onde não ha duvidas nem podem haver tergiversações, sai aquele desgano fatal, aquele arranco torturante, aquele potentissimo comentario de final dramatico: *«eis-me na barbacan da existencia, na balisa da eternidade.»*

E o escravo do trabalho, o mouro da sociedade, o sofredor humilde que foi uma potencia a dispendar inergias, uma alavanca a virar mundos, um cadinho a depurar tezouros, um coração a gerar mananciais de riqueza,—sente tremerem-lhe os nervos continuamente, apagarem-se as imagens dentro das orbitas, sem dentes para mastigar o pão que lhe falta, sem cama para descansar o corpo extenuado de cansasso, sem um afago, sem um sorriso, sem um alento de fé,—chora, na sua velhice, como as crianças quando lhe faltam os carinhos e os beijos da mãe; porque, no seu coração e no seu cerebro onde devia haver mirtos e rosas, sonancias de alegria e centelhas de luz, existem cardos e espinhos, tristezas e sombras...

Vêmos nós, então, agigantar-se a obra dos benemeritos, dos afortunados da sorte, dos eleitos de Deus, que vendo as desditas do seu semelhante, e querendo mitigar com os seus balsamos a Dôr que estua, turiferar com arômas raros os negros dias do ultimo quartel da vida,—abrem as azas do seu coração e despedem mananciais de ventura, conquistando mundos para voar cantando, numa bemaventurança eterna, infinitamente portentosa.

E', portanto, com imensa satisfação, com grande jubilo, com poderosa alegria, que eu recorro o nome dum nosso presado e querido conterraneo, o nome dum comerciante probo, o nome dum excelente character que em vida foi um modelo de virtudes civicas e ao transpor os humbrais da eternidade foi um exemplo de abnegação e amor,—José Caetano Calafate, que em suas disposições testamentarias legou ao Hospital da Póvoa de Varzim a valiosa quantia de dez contos de reis (10:000\$000 reis), *com a obrigação de sustentar cinco pobres asilados desta vila, com preferencia dos seus parentes que estiverem nestas circunstancias.*

E foi tam feliz o benemerito bemfeitor da Santa Casa, José Caetano Calafate, foi tam bem aceite e compreendida a sua patriotica e nobilissima iniciativa,—que outros benemeritos bemfeitores lhe seguiram as pisadas, e hoje o ASILO DA POVOA DE VARZIM é um dos maiores patrimonios dos pobres.

E' digno do nosso maior respeito, é digno da nossa maior veneração a memoria tam querida do fundador do Asilo, porque a sua mão de sementeiro lançou em bom terreno a semente fecundante de tam ricos e apreciaveis frutos.

José Caetano Calafate, natural e residente nesta vila, faleceu no dia 2 de Maio de 1881. Este *Panteon* distingue-se e inaltece-se guardando as cinzas de tam modelar individualidade, apontando-a á admiração, á consideração e á gratidão dos varzinenses.

Comendador Francisco Fernandes de Castro

A maior necessidade da Póvoa de Varzim foi, em todos os tempos, a manifesta falta de agua potavel. Esta vila, no seu principio, era o bairro da Matriz, só no ultimo quartel do seculo XVII e depois de D. Francisco do Almada talhar a Póvoa actual, pondo os Paços do Concelho ao centro, é que ela teve a sua 1.^a fonte, cuja agua, da nascente do Coelheiro, veio por uma arcaria de pedra, feita por uma Provisão da rainha D. Maria I, com data de 21 de Fevereiro de 1791, obtida por aquele benemerito Corregedor.

Mas a nascente do Coelheiro era insufficientissima para a população e no tempo dos banhos ainda eram das cisternas da Vila Velha que saía o recurso quotidiano pelo exgotamento dos poços urbanos.

No entanto a falta de agua acentuou-se, verdadeiramente, desde a abertura do Hospital da Misericordia a 29 de Junho de 1835, porque a sua população flutuante tinha necessidades imperiosas.

Que se havia de fazer ?

As condições geologicas da Póvoa eram demasiadamente ingratas e por esse tempo ainda por aqui se não falava em poços artesianos.

Recursos proprios, aonde os tinha o Hospital ?

Nos seus principios, está claro, começou a engatinhar-se como as crianças, e a contribuição voluntaria do povo com *um real em cada quartilho de vinho e em cada arratel de carne*, mal chegava para as despesas diarias, e as esmolas

dos benemeritos eram tam deficientes que pouco adeantavam. Depois, a *peste*, visitando a Póvoa, fez estragos medonhos na pescaria e o Hospital arrastou uma vida cruciante.

Houve, então, necessidade de estender a vista por novos horisontes; e *alguem* (1), concluiu que só do Monte de Terroso, por onde as presas de agua até tornavam intransitaveis os caminhos no pino do verão, é que, verdadeiramente, o Hospital podia ter a agua que necessitava.

E o capital para tamanha empreza ?

Foi precisamente nessa ocasião que se distinguiu uma alma generosa e bem formada, um probo e honrado industrial, proprietario duma «Fabrica de Sabão» na Praça do Almada, o sr. Comendador Francisco Fernandes de Castro, patriota emerito e varzinense devotado, o qual, desejando chamar á realidade o que por tantos anos foi uma suprema illusão,—ofereceu á Santa Casa da Misericordia a quantia de quatro contos e sete centos mil reis (4:700\$000 reis), para com essa importancia se abrir uma mina que fornecesse a agua necessaria para o Hospital (2).

Com este gesto nobre e sob a direcção dos mais apaixonados e entendidos, rasgou-se a mina e, daí a pouco, o Hospital via, no seu jardim, pela vara magica duma escultura de Moysés, jorrar agua em grande quantidade para um tanque onde se lava a roupa das enfermarias, sendo as sobras divididas em duas partes: indo uma para a fonte publica, mandada construir junto á *Pedra da Paciencia* (3), caindo as escorrença no *Campo das Passadinhas* (4),—e a outra parte, canalizada, para casa do bemfeitor, caindo as escorrenças no *Regato dos Favais* (5).

Passados alguns anos sobre o falecimento do sr. Comendador Francisco Fernandes de Castro, e reconhecendo a Camara Municipal que para esta vila poder classificar-se de *praia de 1.^a ordem*, tinha, tambem, de *cuidar-se da higiene*, e esta, sem agua, sem muitissima agua, não se podia, fazer,—conseguiu um acordo com a Misericordia, pelo qual a Camara se impunha a obrigação de continuar a mina do Hospital, cuja agua entraria numa caixa com três divisões, sendo

uma para aquele estabelecimento de caridade e duas para abastecer a Póvoa em geral (6).

Infelizmente, como a inveja é propria do homem e as acções dos maiores são escondidas pelas mãos dos mais pequenos... nas tabelas dos legados do Hospital *não se vê o nome* deste prestante e generoso bemfeitor!

Aqui fica, neste *Panteon*, mais um sarcófago, com as cinzas dum homem prestavel que, além da sua dadiva ao Hospital, ainda quiz concorrer para os anais da nossa fê, dando um palio rico e respectivos paramentos á Confraria do Sacramento,—concorrendo com avultadas quantias para alfaias doutras instituições religiosas,—e emprestando, *sem juro nem caução*, dez contos de reis (10:000\$000 reis), á primeira sociedade mutualista que houve na Póvoa de Varzim, o *Monte Pio*, da qual o sr. Comendador Francisco Fernandes de Castro foi o principal fundador e seu 1.º presidente.

Tais são, em dois rapidos traços, as razões de vir para este *Panteon* o fundador do mutualismo na Póvoa de Varzim, e o auctor do esquisso dum grande melhoramento que ainda é e ha de ser, na minha opinião e na de muitos outros, o mais valioso e importante progresso desta vila; porque, sem *agua*, sem muitissima *agua*, não podemos beneficiar a saude publica, nem combater as bacterias de tantas doenças endemicas ou epidemicas de tam funestos resultados e consequencias.

NOTAS:

(1)—Esse *alguem*, foi Frei Sebastião de S. Luiz. Devo esta informação ao meticoloso investigador sr. Bernardino José de Faria, que descobriu, no pandemonio da Misericordia, a copia exacta da oferta do sr. Comendador Castro.

(2)—O Comendador Francisco Fernandes de Castro faleceu em 17 de Agosto de 1871.

(3)—A *Pedra da Paciencia*, tinha a fôrma dum banco e

estava pela parte de fóra do muro de vedação sob a espessa e escura sombra de muitas australianas. Era o lugar aonde as namoradas iam perder o arôma das rosas de tocar da sua mocidade...

(4)—Chamo a atenção dos leitores para o livro que vou publicar e tem por titulo *As lendas da minha terra*.

(5)—Ainda falta sanear este regato.

(6)—Vem a proposito trasladar para este livro alguns esclarecimentos de capital importancia historica:

Na folha 82, verso, e seguintes, do Livro de Actas da Santa Casa: Outubro de 1870, trata-se de licenças e contractos para a abertura da mina e encanamento das aguas para a cozinha do Hospital desta vila;

Segue-se o Alvará da Camara Municipal, em 8 de Janeiro de 1871.

Em 21 de Janeiro do mesmo ano de 1871 fez escritura o Comendador Francisco Fernandes de Castro, com procuração da Meza e servindo nela, contractando com Silvestre da Silva, o Pinheiro, da freguezia de Soutêlo, concelho de Vila Verde, pela quantia de 4:700\$000 reis, a exploração da agua para o Hospital, a ficar pronta em 2 de Setembro de 1871, minando em Terroso na propriedade de Manoel Antonio Martins, que cedeu, gratuitamente, a exploração das aguas no Campo da Bragueja, ou Chamosinhos, sito no lugar de Pincêlos, obrigando-se o empreiteiro a encana-la e pô-la numa pia colocada na parede da cosinha do Hospital;

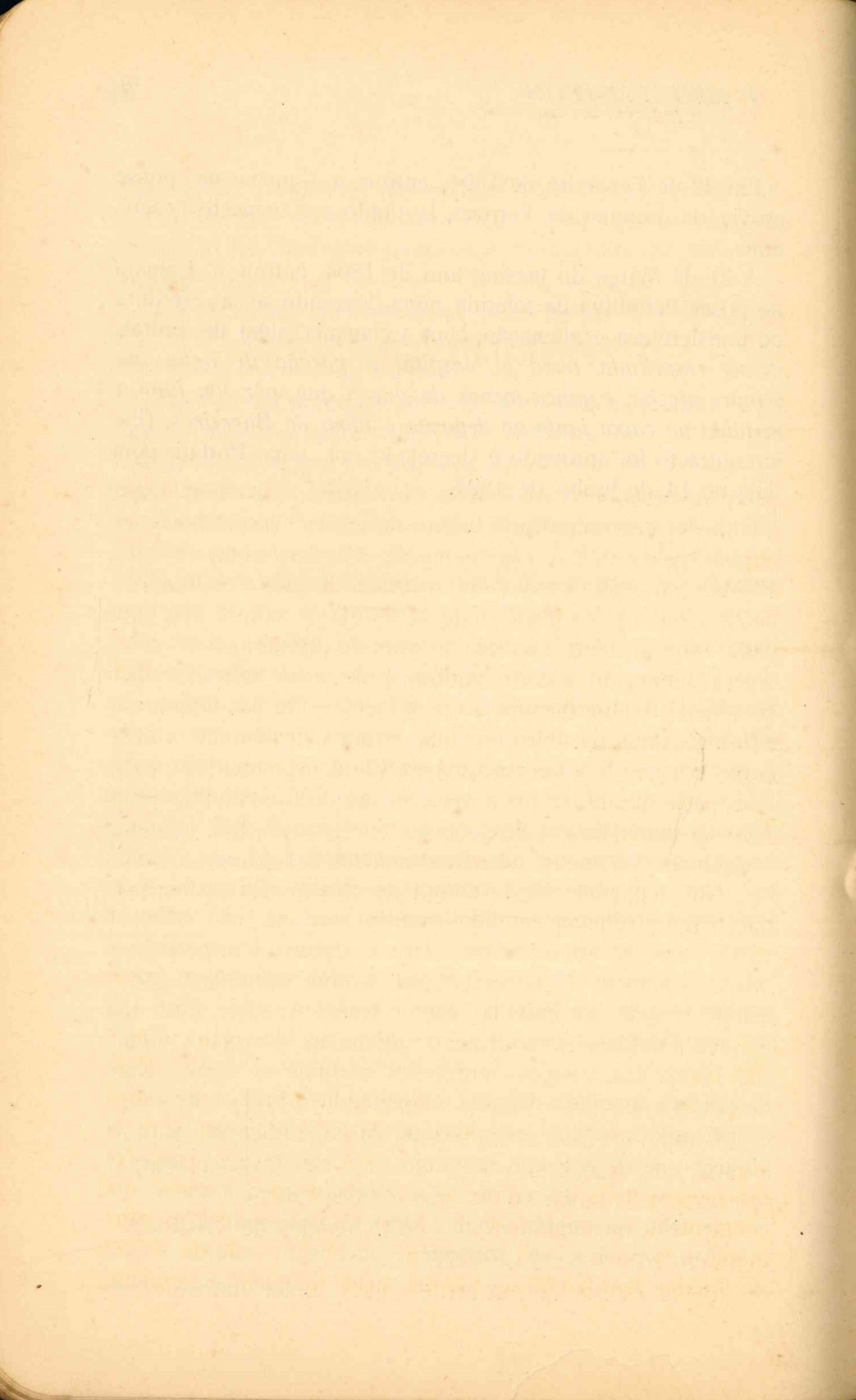
Tambem se fez outra escritura entre a Mesa e o Comendador Castro, abonando este todas as despesas, sem juros, pagando a meias a sua parte, e recebendo a terça parte da agua para a sua casa do Pelourinho.

Em 16 de Janeiro de 1890, fez-se um contracto da mina de Terroso, dividindo-se as aguas a meio com sobras para a Camara, continuando a propriedade a pertencer ao Hospital. (Nota privativa da Camara, n.º 6, fs. 1, v.)

Em 2 de Dezembro de 1893 cedeu o Hospital a mina de Terroso á Camara, *com varias condições*. (Consta do Livro das Actas camararias).

Em 22 de Fevereiro de 1894, entrou a Camara na posse provisoria da mina de Terroso, lavrando-se a respectiva escritura.

A 21 de Março do mesmo ano de 1894 entrou a Camara na posse definitiva da referida mina, lavrando-se a escritura de transferencia e alienação, com a clausula, além de outras, *de ser respeitada para o Hospital a porção de agua que sempre precise, e nunca menos do que a que, por um jugo, é dividida na caixa junto ao deposito e filtro de Barreiros.* (Este contracto foi aprovado e decretado por uma Portaria com data de 14 de Junho de 1894.



As Catacumbas do Santeon

Ha, nesta vila da Póvoa de Varzim, um monumento grandioso, descompassado, digno da nossa maior admiração, erguido pelo coração magnanimo da *Ala dos Nobres*: o HOSPITAL e o ASILO, esses dois padrões de gloria onde se espelha a candura da alma, onde se retrata a poesia da bondade, onde se remira a musica do amor do proximo, onde se esbate a pintura do socorro mutuo, onde se destaca a ordem composita da architectura do bem fazer, onde ha fragrancias e arômas raros da unica flor que germina, desabrocha e cresce no coração bos benemeritos—a Caridade, como em qualquer parte que poizemos a vista só no Céu encontramos o foco de maior luz—o Sol.

Quem é o auctor desse monumento?

Ninguém póde ter a ventura de dizer: «*fui eu!*»—porque nêle trabalharam muitos,—muitos que se não sabe; e assim como ha luz e sombra, claro e escuro, transparente e opaco,—tambem a grama daninha, a erva infernal, a tronca maldita vegeta por entre a seara e rouba a seiva forte das mèsess doiradas—como a negra ingratidão dos maus, a maldita inveja dos corações preversos esconde o nome deste, rasgando a memoria daquele, empanando o brilho do outro.

E ao passo que em todas as Misericordias do paiz se arquiva—desde o tempo da rainha D. Leonor, sua instituidora—numa galeria de retratos a memoria desses obreiros que constantemente engrandecem, duma fórmula pasmosa, o patrimonio dos pobres,—na Irmandade da Misericordia da Póvoa de Varzim, tem havido o desleixo mais completo e condena-

vel, porquanto, além de existirem poucos benemeritos na sala dos retratos, não ha nenhum livro de oiro por onde se verifique, com toda a exactidão, a nomenclatura seguida das heranças que para ali teem revertido.

Apenas se sabe que a existencia do Hospital da Póvoa de Varzim «se deve ao zelo e actividade do patriótico José Antonio Alves Anjo, á dedicação de Bernardo José da Silva, e á piedade de João Francisco Nunes»; e mais: que «estes esclarecidos povoenses lutaram com grandes difficuldades, gastaram do seu avultadas quantias sem outro interesse mais que o bem da humanidade».

Grandes, generosos e magnanimos cidadãos para quem as sucessivas Mezas Administrativas teem ofuscado a sua santa memoria, negando-lhes o mais mesquinho dos tributos, —recebei o preito da nossa maior gratidão, as benções de milhares de crentes que ali teem ido beber á fonte de aguas tam perenes.

Passemos uma esponja por cima déssas indignas acções, apaguemos esses crimes e ignorancias que tanto deprime o inqualificavel proceder, bemdizendo a Comissão de 1881 a 1883, por ter feito retratar diversos bemfeitores «alguns dos quais tinham ficado esquecidos das anteriores administrações» e por ter mandado «reformatar as tabelas dos legados que se achavam incompletas e até indecentes».

Sim! esqueçamos tamanha e tam criminosa incuria, e inalteçamos, e ingrandecemos a memoria santissima e pura déssa *Ala dos Nobres*.

Primeiro que tudo entremos no *Deposito das Caveirinhas*, e já que não podemos destrinçar as cinzas de Maria Fernandes, fundadora da Irmandade da Misericordia, nem as dos saudosos José Antonio Alves Anjo, Bernardo José da Silva e João Francisco Nunes, fundadores do Hospital, beijemos as reliquias que nos restam dos mais antigos irmãos.

Esses restos mortais que ali estão, já sentiram e amaram como vós outros. Guindaram-se ao Céu da ventura pelos transportes das suas excelsas virtudes:—cantaram como os rouxinóis á sombra dos vales,—gemeram como as rolas nos copa-

dos pinheirais,—sentiram como as pombas que se beijam carinhosamente,—voaram como as andorinhas sobre a vastidão dos mares,—os seus peitos foram verdadeiras catedrais onde só se celebrava de Pontifical;—os seus cerebros telescópio para vêr o incomensuravel e microscópio para admirar o incognoscivel;—viram o que se não póde medir, e admiraram o que se não póde conhecer: a Dôr que retalha, e prostra, e esfacela, e esmigalha, e depaupera, e mortifica, e estiola; que enfraquece, debilita, entorpece, atormenta, consome, despedaça, esfarrapa, dilacera, aflige, tortura e sangra o coração dos pobres dos pobres tam pobresinhos, com um unico logar de descanso, o catre do Hospital ou Asilo, e um unico logar de abrigo—as azas da Caridade.

Aqui ficam, n'*O meu Panteon*, as sagradas reliquias da Misericordia, que enterra os mortos,—do Hospital, que recolhe os enfermos,—e do Asilo, que alberga os velhinhos. Façam o favor de descer, comigo, as escadas deste *Panteon* para admirar as solitarias catacumbas que tanto se impõem á consideração e ao respeito das gentes, vendo o tesouro que constitue o maior patrimonio dos pobres neste concelho:

LEGADOS DA MISERICORDIA

1750	Da antiga Confraria dos Passos	312\$660
1756	Maria Fernandes e marido Manoel Francisco Maio	605\$860
«	Maria Antonia	100\$000
1758	Lourenço d'Afonseca, a pensão anual de 6 1/4 alqueires de milho e 300 reis de fôro.	
1764	Manoel João Magar	1:200\$000
1765	Ignacio de Carvalho Salgado	300\$000
1767	P. ^o Filipe de Carvalho Salgado	204\$800
»	P. ^o João de Carvalho Salgado	300\$000
1768	Cristina Manoel	200\$000
1771	Tomé Francisco Marques	150\$000
1775	Joséfa de Carvalho Salgado	300\$000
1781	Manoel de Queiroz	100\$000

1782	José Francisco Coentrão e mulher	739\$800
1783	Francisco Gonçalves da Fonte e mulher	19\$200
1787	P. ^e Bernardo da Silva, a pensão anual de 78 1/2 alqueires de milho, 5 de centeio, uma galinha, um frango, e em dinheiro	800\$000
»	Dr. P. ^e Luiz Antonio da Silva Correia e Antonia Maria	400\$000
1790	Capitão Francisco Leite Ferreira, objectos do culto, uma vara de prata e	4\$800
1794	Conego Manoel dos Reis da Costa Rego	1:750\$000
1798	Vitoria Ribeiro, a pensão anual de 8 al- queires de milho e 1 de trigo	
1799	Antonio Fernandes da Rocha	100\$000
1807	Mariana Rosa da Cunha e marido Antonio Felix da Costa	522\$000
1809	Francisco José Batista	50\$000
1812	Manoel Ferreira Mendes, capelão da Mise- ricórdia de Guimarães, um calix e patena de prata no valor de 26\$000 reis.	
1815	Baltazar José Martins	340\$000
»	José Joaquim Gomes d'Amorim	45\$000
1816	Francisco d'Oliveira Senra e filha Maria Rosa, para despesas do Lausperene	150\$000
1817	Miguel Francisco da Costa Calheiros	1:011\$890
1823	José Joaquim d'Araujo e mulher	100\$000
»	Maria Joaquina Batista de Lima	30\$000
»	Manoel Antonio Ribeiro	50\$000
1824	João Antonio Gonçalves	150\$000
»	João Francisco Nunes e mulher	100\$000
1827	Maria Joaquina Marques	105\$000
1830	Antonio Pires Lopes Rodrigues, fallecido em 1793, a pensão anual de 10 alqueires de milho e em dinheiro por uma só vez	2:821\$780
1832	Francisco Gonçalves Varzim e mulher	800\$000
»	Maria Josefa Pinto, para o Lausperene	30\$000
†		†
...Desde 1832 a 1868 não ha vestigios de bemfeitores !...)		

1868	Maria Margarida	50\$000
1872	Francisco Gonçalves Neto	171\$900
1879	José Rodrigues Paranho	300\$000
1883	Manoel Francisco Carneiro de Sá, nominais	100\$000
1884	José Alves da Costa Moreira	50\$000
1885	P. ^e Albino Alves Afonso	850\$000
1886	P. ^e Francisco Ventura da Silva, nominais	500\$000
	• José Domingues da Costa	4:035\$535
	» Antonio Francisco Torres Junior, nominais	1:000\$000
1887	Condessa d'Azevedo	255\$100
1892	Joaquim Fernandes da Costa	399\$675
1896	Manoel Martins Branco	13\$500
1901	Manoel Antonio Monteiro dos Santos	300\$000
	» Ana da Conceição Oliveira, inscrições	50\$000
	» Albina Rosa de Jesus	400\$000
	» José Fernandes da Silva Campos	80\$000
1902	Manoel Alves Moreira	49\$900
1903	Fulgencio José da Costa Guimarães	1:896\$270
	» José Gomes Mourilhe	675\$480
1904	Antonio Fernandes Tomé	200\$000
1906	Francisco da Costa Marques Campos	300\$000
	» Josefa Fernandes de Castro	200\$000
1907	Antonio Duarte Barbosa	100\$000
1908	João Teixeira de Barros	2:100\$000
1909	Antonio José dos Santos, inscrições	1:000\$000

LEGADOS DO HOSPITAL E ASILO

1834	Rosa Bernarda de Sousa Guerra	96\$000
	» P. ^e Bernardo de Sousa Guerra	200\$000
1836	Inacia Pereira do Sacramento	60\$000
1840	Manoel Francisco Flores	173\$260
1841	João Francisco Nunes	300\$000
1842	Herdeiros de José Maria Fernandes	72\$000
1843	Ludovina Rita da Conceição	100\$000
1844	Antonio Luiz Monteiro	100\$000
1845	Manoel José Ferreira	100\$000

1847	Joaquina Inacia Pereira da Silva	600\$000
1848	Maria Bernarda da Silva	200\$000
»	Ana Maria de Jesus Pinheiro	24\$000
»	João Antonio de Castro	100\$000
1849	Mariana do Amor Divino	1:200\$000
»	Dr. Antonio Vieira d'Araujo e esposa	100\$000
»	O mendigo Antonio Alex. ^o do Nascimento	32\$585
»	João Fernandes da Rocha	100\$000
1853	David José Alves	250\$000
»	P. ^e Gaspar Correia Carneiro	15\$000
»	Antonio Gomes d'Amorim	50\$000
»	O vigario de Formariz J. Fra. ^{co} Rodrigues	12\$000
»	João Francisco dos Santos Rates	15:563\$851
1855	O vigario d'Argivai Ant. ^o F. ^a de Sá Cruz	800\$000
1868	Maria Margarida Pinto	100\$000
»	Maria Margarida Batista	100\$000
1870	Maria Rosa Pinto dos Santos	200\$000
»	Domingos José da Costa Fernandes	80\$000
1871	Abade de Tenões M. ^{el} d'Araujo Coutinho	100\$000
1872	João Antonio d'Oliveira	86\$000
1873	Francisco Rodrigues Maio	170\$000
1874	Francisco José d'Azevedo	476\$190
»	Joséfa Gomes Leite	171\$720
?	Rosa Margarida Rodrigues da Costa	100\$000
?	Frei Manoel da Madre de Deus	305\$000
?	Ana Margarida Casaleira	672\$000
?	Um anonimo	100\$000
?	José Rodrigues d'Azevedo	300\$000
?	Francisco Fernandes de Castro	200\$000
?	Maria Rosa d'Oliveira	200\$000
?	Maria Rosa Pinto dos Santos.	200\$000
1875	Claudino Rodrigues Neves	1:000\$000
»	Joaquim Francisco da Silva Azevedo	634\$752
1877	Matias Fernandes Cadilhe	200\$000
»	Antonio José d'Oliveira Neves	500\$000
»	Joaquim José de Sousa Guimarães	399\$720
1879	Antonio Gomes Vieira	103\$032

1880	Barão de Castelo de Paiva, nominal	1:000\$000
»	Antonia Maria Giesteira	85\$860
»	P. ^e Manoel Carneiro Flores	200\$000
»	José Rodrigues Paranho	1:317\$216
»	Joaquim Gomes de Barros	500\$000
1881	Francisco Rodrigues Maio	300\$000
»	João Antonio d'Oliveira, uma casa e	249\$872
»	João Antonio de Sousa Flores	5:000\$000
»	Maria Emilia Leite	1:454\$082
1882	José Caetano Calafate	10:000\$000
»	José Maria Batista Carneiro, nominais	8:000\$000
»	João d'Oliveira Costa Neves, nominal	1:000\$000
»	Antonio Leite Pereira Machado	200\$000
1883	Francisco Martins d'Oliveira	54\$545
»	Joaquim Anacleto d'Araujo	100\$000
»	Maria Rita Galante	50\$000
»	João Antunes Guimarães	1:050\$000
»	Antonio Maria Pereira Azurar	100\$000
»	Arcebispo de Braga D. João Crisostomo	100\$000
1884	Pedro João d'Oliveira	5:000\$000
»	João Francisco Arteiro, nominais	12:000\$000
»	Candida Rosa d'Almeida Brandão	500\$000
»	P. ^e Albino Alves Afonso	500\$000
1885	Custodio Antonio Soares	50\$000
»	Margarida Rosa do Rio	100\$000
1886	P. ^e Gaspar Correia Carneiro	300\$000
»	Maria José d'Oliveira Pinto	50\$000
1886	Vitorino Ferreira de Sousa	422\$920
1887	João de Santos Minho	396\$000
»	Condessa d'Azevedo	340\$275
1888	José Rodrigues Cristêlo	1:705\$175
»	Maria Rosa Cruz	404\$500
»	João da Costa Medon	425\$345
»	José Gomes Ferreira Marralheiro	50\$000
1889	Um anonimo	100\$000
»	José Gonçalves Amorim	100\$000
1891	Joaquim Martins da Agra	200\$000

1891	P. ^e Manoel José Rodrigues	423\$515
	» Maria Rosa Marques	100\$000
1892	Maria Candida Bandeira de Lemos	285\$985
	» Ana Luiza Ferreira Alves, 4 ações do Banco de Guimarães.	
	» José Martins d'Oliveira	25\$000
1893	Inacio de Sousa Magalhães	183\$990
	» José Gomes	987\$500
1894	Ludovina Rosa Marques	91\$995
	» Luiz Francisco Gomes	50\$000
	» P. ^e José Joaquim Coelho de Faria	200\$000
	» Maria da Piedade da Luz	643\$964
1896	Francisco Domingues da Nova, inscrições	49:650\$000
	5 obrigações do Caminho de Ferro Póvoa	394\$000
	10 ações do Banco Aliança	500\$000
1897	José Francisco da Silva	100\$000
	» Margarida Rosa de Jesus	1:000\$000
	» Miquelina Martins Moreira, nominal	1:000\$000
1899	Mateus Antonio Cocêlo	600\$000
1900	Marcelino Francisco Nunes	1:253\$260
	e em inscrições	1:000\$000
1901	Constantino Lopes Rodrigues	97\$400
	» Francisco Alves Santos	200\$000
1902	João Rodrigues Cristêlo	1:500\$000
	» José Gomes d'Amorim	272\$310
	» P. ^e Manoel Parada	1:000\$000
1903	Margarida Rosa da Encarnação (Feijão)	2:400\$000
	» Albina da Conceição	155\$935
	» Joaquim José da Nova	1:000\$000
	» Cofre da Beneficencia	150\$000
	» Antonio José d'Araujo	100\$000
	» P. ^e José Antonio Rodrigues	1:600\$000
	» José Gomes Mourilhe	800\$000
1904	Francisco Rodrigues Monteiro	60\$000
	» Antonio Rodrigues da Silva Vieira	300\$000
	» Maria Joaquina Lopes	100\$000
	» Francisco Ribeiro Pontes	100\$000

1904	Guilhermina Vieira Ribeiro	40\$000
1905	José Francisco Marques Eugenio	1:000\$000
	» José Gomes Pereira da Silva, o Feijão	2:000\$000
	» Antonio Alves Ramos	300\$000
	» Luiza Tereza Moreira	50\$000
1906	João Gomes da Pena	5:000\$000
	» Maria Rosa da Agra	500\$000
1907	Maria de Jesus Machado Vilar	100\$000
	» O asilado João Lopes Nepumeceno,	80\$000
1909	Constança Rosa Amorim	1:000\$000
	» Manoel Joaquim Gomes Ferreira	100\$000
	» Inacia Gabriela Monteiro	1:000\$000
1910	Antonio Luiz Alves da Silva, o Lavadinho	381\$361
	e em inscrições	27:400\$000
	» João Antonio d'Oliveira	3:200\$000
	» Ludovina Rosa Mascarenhas	200\$000
1911	José Joaquim de Sá	100\$000
	» Tereza de Jesus Ferreira	200\$000
	» Antonio José Correia Marques	500\$000
	» Ana Amelia Machado Silveira	100\$000
1912	Rosa Fernandes de Castro	1:000\$000
	» Maria da Conceição Pereira Marques	88\$735
	em inscrições	3:600\$000
	e 21 <i>coupons</i> de Ambaca, a 80\$000 cada	2:480\$000

—O legado de Francisco Domingues da Nova ainda está na posse da uzufrutuaria.

—O legado de João Gomes da Pena está dividido em dois, sendo um conto de reis para o Hospital e quatro contos para distribuir em dotes pelas raparigas pobres e honestas que tenham de casar.

—O legado de Antonio José Correia Marques era de 500\$000 reis para o Hospital e 5:000\$000 reis para a fundação dum «Asilo-Escola» a construir no prazo de dois anos depois do seu falecimento; como, porém, se não observou essa clausula... a familia opoz-se á entrega dos referidos cinco contos de reis...

—Tambem faleceu o P.^e Antonio Gonçalves de Oliveira, deixado a sua fortuna, avaliada em 20:000\$000 reis, ao Hospital, e o rendimento a uma uzuftruaría. Sobre a posse desta herança pende um pleito nos tribunais.



Ao Leitor Amigo

E agora, leitor amigo, quem quer que tu sejas, depois da leitura desta obra e da eloquencia da generosidade gradual e proporcional das individualidades nêle descritas, é justo que tenhas dois grandes rasgos de cavalheirismo: perdoar as imperfeições e incorrecções de quem não soube escrever em frase cinzelada e grandiloqua a prosa esconça e barbara deste modesto livro;—e repetir a inscrição que no comêço da Revolução Franceza, em 1789, a Constituinte mandou gravar no frontispicio da igreja de Santa Genovêva transformada em templo de gloria com o nome de *Panteon*:
AOS GRANDES HOMENS, A PATRIA AGRADECIDA.

Póvoa de Varzim, 26 de Setembro de 1912,

CANDIDO AUGUSTO LANDOLT.

INDICE

Introducção	pag.	7
D. Francisco de Almada e Mendonça	»	11
O Piloto-Mór Antonio Cardia e Mónica Cardia	»	15
O Capitão Diogo Dias de S. Pedro	»	19
Bispo de S. Paulo, Frei Manoel da Ressurreição	»	22
Eça de Queiroz	»	23
Rocha Peixoto	»	27
Sacra-Familia	»	31
Dr. Luiz Antonio Pereira da Silva	»	34
Antonio Batista de Almeida	»	35
O Cégo do Maio	»	37
Conselheiro Bento de Freitas Soares	»	43
Antonio Joaquim Guimarães	»	47
Gomes Amorim	»	49
Padre José Gesteira	»	53
O Mestre Sergio	»	57
Pereira Azurar	»	61
Manoel João e D. Adelaide Amorim	»	65
Comendador Almeida Brandão	»	71
Manoel Rodrigues da Cruz	»	77
João Antonio de Sousa Flores	»	79
José Caetano Calafate	»	83
Comendador Francisco Fernandes de Castro	»	87
As Catacumbas do Panteon	»	93
Ao Leitor Amigo	»	103

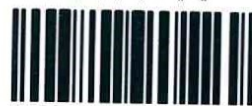


COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIPOGRAFIA LANDOLT

(Premiada na exposição de Barcelos no ano de 1904)

RUA DA JUNQUEIRA, 50
PÓVOA DE VARZIM
1912

biblioteca
municipal
barcelos



60142

O meu panteon